



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA**

**BALIZA DE BANDA MARCIAL ESTUDANTIL: REFLEXÕES SOBRE UMA
EXPERIÊNCIA DE APRENDIZAGEM E ENSINO**

ANNYELLE CAROLINA DOS SANTOS GOMES

Orientador: Prof. Dr. Arthur Marques de Almeida Neto

João Pessoa

2020

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA**

ANNYELLE CAROLINA DOS SANTOS GOMES

**AS BALIZAS DE BANDA MARCIAL ESTUDANTIS: REFLEXÕES SOBRE UMA
EXPERIÊNCIA DE APRENDIZAGEM E ENSINO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Dança pelo curso de graduação em Licenciatura em Dança do Departamento de Artes Cênicas da UFPB

Orientador: Prof. Dr. Arthur Marques de Almeida
Neto

João Pessoa

2020

G633b Gomes, Annyelle Carolina Dos Santos.

Baliza de Banda Marcial Estudantil: Reflexões Sobre Uma
Experiência de Aprendizagem e Ensino / Annyelle
Carolina Dos Santos Gomes. - João Pessoa, 2020.
60 f. : il.

Orientação: Arthur Marques de Almeida Neto.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCTA.

1. coreógrafo; professor; dança; baliza; bandas marciais.
I. Marques de Almeida Neto, Arthur. II. Título.

UFPB/CCTA

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Arthur Marques de Almeida Neto

Orientador

DAC-CCTA-UFPB

Prof. Dr. Ana Cristina Oliveira Marques

Examinadora

DTAEA-CAC-UFPE

Prof.Dr. Guilherme Barbosa Schulze

Examinador

DAC-CCTA-UFPB

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus que sempre me sustentou e deu forças para seguir a caminhada da vida.

Agradeço a minha mãe Aurinea que é um exemplo de mulher, forte e corajosa que sempre me fez acreditar em mim e em meus sonhos, sempre me apoiando e incentivando diariamente, fazendo o possível por mim e pela minha irmã.

Agradeço aos meus mestres que contribuíram e foram importantes na minha jornada como estudante do curso de Licenciatura em Dança, em especial, ao meu querido professor e orientador Arthur Marques, que ao longo da caminhada acadêmica foi de extrema importância na minha jornada, sempre me incentivando e ajudando: agradeço de coração por tudo.

Agradeço aos meus familiares, em especial, a minha irmã Mannoely, meu namorado Lucas e minhas amigas, que sempre estiveram comigo, acreditando na minha dança, nos meus sonhos e me apoiando.

Aos meus amigos de graduação: vocês foram mais que essenciais nesses anos. Tenho certeza que levarei vocês pra sempre comigo. Grandes artistas, que sempre terão meu respeito e admiração.

DEDICATÓRIA



A todos participantes do movimento das bandas marciais, em especial aos componentes da banda marcial Israel Pereira Gomes e a baliza Marilayne (em memória), que acreditam no poder da transformação e que amam o que fazem assim como eu. Dedico a minha contribuição em total apoio para esse movimento.

As pessoas que diretamente ou indiretamente me acompanharam e me incentivou no meio, em especial, ao meu querido mestre Adalberto Fernandes: obrigada por sempre acreditar em mim.

In Memoriam: Marilayne Anselmo.

É fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal forma que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática.

Paulo Freire

RESUMO

Descreve-se sobre o ensino da dança na Escola Municipal Darcy Ribeiro da Rede Municipal de Ensino de João Pessoa-PB, a partir da relação entre a experiência como participante do Projeto Música e Dança como aprendiz de baliza na Banda Marcial Estudantil Israel Pereira Gomes, e a atual prática como coreógrafa da mesma banda. Os coreógrafos do referido projeto desenvolvem seu trabalho dentro das escolas públicas da rede municipal de ensino e são contratados pela Secretaria de Educação de João Pessoa. Nesse contexto, parte-se da premissa de que o coreógrafo desdobra-se como professor de dança e artista. Nesse sentido, a reflexão que se segue é sobre algumas mudanças observadas na prática do ensino da dança para as balizas. Enfocam-se alguns aspectos, sendo eles: a metodologia de ensino e a prática de criação coreográfica, que, no caso, é desenvolvida por uma licencianda em dança com experiência anterior de baliza. Considera-se também que as condições de trabalho do coreógrafo, com muitas demandas e obrigações para além das contratadas, têm influência nesses aspectos e, conseqüentemente, impactam no processo de ensino e aprendizagem da dança das balizas participantes do projeto na mesma escola. Esse processo de ensino da dança específico contribui para consolidar a ideia, no contexto das bandas marciais estudantis, de que a experiência anterior como baliza é (a única e/ou principal) relevante para atuar como coreógrafo. Entretanto, a reflexão presente modifica essa noção, pois as mudanças observadas são, principalmente, resultantes do curso de graduação, com a organização do trabalho pedagógico junto às atuais aprendizes de baliza, contribuindo para o trabalho social realizado pelo projeto, através do movimento das bandas marciais estudantis na cidade de João Pessoa-PB.

PALAVRAS-CHAVE: coreógrafo; professor; dança; baliza; bandas marciais.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Mór George Magalhães, SEDEC Show	21
Figura 2 -	Estandarte da Banda Marcial Israel Pereira Gomes	22
Figura 3 -	Corpo Coreográfico da Escola Municipal Darcy Ribeiro em 2007	23
Figura 4-	Corpo Coreográfico da Escola Municipal Darcy Ribeiro em 2017	23
Figura 5-	Annyelle Gomes, Baliza da Banda Marcial Universidade Infantil	28
Figura 6-	Projeto de Estágio Balizando	52

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. CAPÍTULO 1 - AS BANDAS MARCIAIS ESTUDANTIS	15
1.1. Contexto histórico	15
1.2. O ensino de Música e Dança	18
1.3. Organização e elementos	20
2. CAPÍTULO 2 - A DANÇA DA BALIZA	26
2.1. Experiência, memória, campeonato, dança e relação	29
2.2. A apresentação e a influência do regulamento	33
2.3. Implicações no corpo da baliza	38
3. CAPÍTULO 3 – O COREÓGRAFO	40
3.1. Ensino de Dança na Banda Israel Pereira Gomes	45
3.1.1. Metodologia de ensino	47
3.1.2. Composição Coreográfica	50
3.2. Experiência de ensino: Coreógrafa e professora de dança	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	

INTRODUÇÃO

Quando começamos a participar de uma banda marcial estudantil, aprendemos que o termo “baliza” pode ser tanto o objeto que se maneja, quanto à pessoa que está à frente de uma banda para realizar o deslocamento da corporação, com a intenção de movimentar-se e andar junto com a mesma, balizando à frente. Em uma apresentação, a baliza deve apresentar a banda por onde ela passar cumprimentando e se conectando com o público, realizando movimentações com ou sem sua baliza - termo utilizado para o seu bastão, com movimentos que foram aprendidos e ensaiados antes, com orientação do coreógrafo de sua banda.

No ano de 2007, Ingressamos como participante do movimento das bandas marciais aos 12 anos de idade, como baliza da Banda Marcial Israel Pereira Gomes da Escola Municipal Darcy Ribeiro, situada no bairro dos Funcionários II, na cidade de João Pessoa. A banda era regida na época por Edvânio Lima ¹e as coreografias eram elaboradas por Márcio Augusto².

Frequentamos a Vila Olímpica Parahyba³, onde fizemos aulas de ginástica rítmica com a professora Eliane Reis⁴, e treinar com a técnica da seleção paraibana, a professora Lenise Sousa⁵, pioneira do projeto de ginástica rítmica da Prefeitura Municipal de João Pessoa. Os treinos aconteciam na prefeitura nas segundas, quartas e sextas, e na Vila Olímpica³, de segunda a sexta de 18:00 às 21:00 com o grupo da seleção. Tínhamos treinos divididos de técnicas de manuseio de

¹ Edvânio Lima, Natural de Campina Grande - PB, tem formação técnica em Música na EMAN e formação no curso sequencial em Banda Marcial pela UFPB. Ingressou como regente na Banda Marcial Darcy Ribeiro no ano de 2005 a convite dos organizadores da banda da Escola.

² Márcio Augusto, Natural de Bananeiras-PB, Ingressou na escola municipal Darcy Ribeiro como coreógrafo em 1994, começou sua formação como coreógrafo e participou de aulas de ballet clássico e contemporâneo no bairro da Epitácio Pessoa em João Pessoa.

³ Vila Olímpica Parahyba - É um local reservado para atividades esportistas, situado na cidade de João Pessoa, mais precisamente localizada no Bairro dos Estados. Lá existem diversas áreas onde se dividem por esportes, tendo pista de atletismo, piscinas, Ginásios. (disponível em: <https://auniao.pb.gov.br/noticias/caderno_esporte/vila-olimpica-oferece-mais-de-30-modalidades-esportivas-gratuitas-ou-a-precos-simbolicos>, acesso em 20 de março de 2020).

⁴ Eliane Reis é professora da escolinha da ginástica rítmica da vila Olímpica, sua turma contempla alunas entre cinco e 12 anos, além de levar as alunas para competições dentro e fora do estado e ser a técnica da seleção infantil de ginástica da Paraíba

⁵ Lenise Sousa – Técnica de Ginástica rítmica do Grêmio Vila olímpica e Marista Pio X.

aparelhos, aulas de flexibilidade. Além disso, aulas de ballet e jazz, onde tivemos professores específicos para essas aulas.

Como coreógrafo e professor de ballet, Adalberto Fernandes⁶desenvolveu um trabalho de montagem de coreografias e treinos para campeonatos locais, estaduais e norte nordeste. Como um dos primeiros coreógrafos com quem trabalhamos, ao iniciarmos no meio das bandas marciais, incentivou a prática de fazer aulas de ballet. Tivemos com ele orientação e vivência sobre a técnica do ballet clássico, semanalmente, durante o período de quase dois anos. Essas aulas e treinos foram desenvolvidos na Escola Municipal Leonidas Santiago, situada no bairro do Rangel, onde ele atuava como coreógrafo da banda.

A partir dessas e outras experiências como aluna e baliza, e tendo passando por diversos campeonatos, algumas questões sempre nos geraram inquietações, principalmente, sobre o que se pensava sobre a baliza: o que se avaliava da baliza em relação à sua formação e treinamento.

Após o ingresso no curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal da Paraíba, passamos a refletir e pesquisar mais sobre essa figura que compõe as Bandas Marciais Estudantis. Venho, ainda, buscando entender a relação dos papéis da estudante universitária como licencianda em Dança, como artista de dança como uma baliza e, também, como coreógrafa de uma banda marcial, onde as funções de professora de dança, treinadora de baliza e de artista coreógrafa se mesclam.

Passamos a compreender, de maneira ampliada, a importância da função do coreógrafo de bandas marciais dentro das escolas, e como ele pode se tornar um divisor de águas na vida de um aluno. Isso porque a banda marcial tem um papelsocial - no âmbito da escola e comunidade - e ele pode ser reforçado pela figura do coreógrafo, que é também um professor. Observamos, também, como esse profissional interfere na vida do aluno da escola; e, percebendo a nossa própria prática, refletimos sobre como se dá a forma de ensino da dança deste profissional, para além de suas outras demandas como coreógrafo.

⁶ Adalberto Fernandes, tem 31 anos, Ingressou no movimento de bandas Marciais em 2008 convidado pelo coordenadora Sedec para exercer a função de coreógrafo no ano de 2009. Bailarino do grupo de ballet do Theatro Santa Roza, exerceu de ano de 2009 a 2015 o trabalho de ensino com algumas balizas, com muitos títulos conquistados por suas alunas.

Sendo assim, prestamos mais atenção ao lugar do professor de dança, movidos por uma preocupação sobre o papel do professor que atua nas bandas marciais, especificadamente na escola que faz parte do nosso cotidiano: a Escola Municipal Darcy Ribeiro, a qual um dia fui aluna e integrante da sua banda marcial. Atualmente, como coreógrafa dentro do mesmo projeto Dança e Música do qual fui participante, desenvolvo o trabalho com alunas do Ensino Fundamental I e do Ensino Fundamental II. Mantemos nossa prática como baliza da Banda Marcial da SEDEC. A banda da SEDEC⁷ é composta apenas por regentes e coreógrafos da rede municipal de ensino.

Vivenciamos essa realidade desde criança e percebemos que o movimento das bandas no município de João Pessoa através do Projeto Dança e Música da SEDEC tem grande visibilidade. A baliza é uma figura responsável por grande parte da visibilidade das bandas marciais, talvez por sua própria função de apresentar e orientar a banda, abrindo os caminhos por onde ela deve passar. Discute-se muito no senso comum e no meio das bandas sobre a preparação da baliza. Essa reflexão que iniciamos busca contribuir com mais informações sobre o movimento das bandas marciais estudantis, em especial, sobre como desenvolvemos, atualmente, o ensino da Dança para as balizas, a partir da nossa experiência de aprendizagem como baliza e a de ensino, como coreógrafa e professora: aprendizagem e ensino.

Para essa reflexão, apresentamos como a baliza se insere como elemento componente das bandas marciais estudantis. Com isso, compreendemos quem é a baliza e a transformação de seu papel nas bandas marciais, em termos de organização e elementos, até a o entendimento de sua inserção nas escolas.

A partir disso, no Capítulo 2, apresentamos mais informações sobre a figura da baliza, no que diz respeito ao que ele deve conhecer em relação ao movimento que deve exibir em uma apresentação. Vamos abordar como esse aspecto se modifica com o decorrer do tempo em relação aos regulamentos dos campeonatos, que exigem e avaliam movimentos que compõem artisticamente as apresentações de todos os elementos componentes das bandas marciais estudantis que se apresentam e, sendo assim, regulam também a apresentação das balizas.

⁷ Sedec - Secretaria de Educação e Cultura do município de João Pessoa.

Refletimos que a experiência como graduanda em Licenciatura em Dança, baliza e coreógrafa da Banda Marcial Darcy Ribeiro, tem relevante significado em se tratando da habilidade para desempenhar o papel de coreógrafa e como professora de dança, principalmente no que diz respeito à preparação e formação das balizas.

Acreditamos que a forma de ensino tanto dos profissionais coreógrafos⁸ e regentes estão sendo modificadas. Talvez as mudanças sobre o ensino de Dança e Música sejam em decorrência da Coordenação das Bandas Marciais no município, onde a visão do coordenador geral interfere na política das demandas dos profissionais contratados como coreógrafos. Além disso, as demandas desse profissional parecem também serem alteradas de acordo com os aspectos exigidos nos regulamentos.

Dessa forma, pensamos que o trabalho do coreógrafo de bandas com as balizas, conseqüentemente, é determinado pelas normas, pois elas regulam o que as balizas devem executar e a forma, nos diversos eventos de competição de bandas marciais, sejam locais ou nacionais.

Outra questão importante que observamos como fator de mudança que influencia no ensino da Dança é o surgimento do curso de Licenciatura em Dança na cidade de João Pessoa. Esse fato fez com que alguns coreógrafos de bandas passassem a procurar o ingresso na licenciatura⁹. Nesse lugar, buscamos refletir sobre a nossa prática de ensino da dança nas bandas marciais estudantis onde temos atuado como coreógrafos. Através da experiência pessoal, discutiremos como a formação do profissional coreógrafo influencia na dança e formação das balizas de bandas, assim como as condições de trabalho que afetam diretamente na qualidade do aprendizado da linguagem artística da dança das balizas.

Para realizar esse estudo, primeiramente, realizamos uma revisão bibliográfica onde acessamos referências sobre o tema. No decorrer do curso,

⁸ Adiante, a partir do subitem 3.2 (coreógrafa e professora de dança) “coreógrafo”, explicaremos como a função de coreógrafo de bandas marciais no município de João Pessoa tem variadas e múltiplas demandas na atualidade e como este profissional se desdobra entre a função de professor de dança e coreógrafo.

⁹ Como temos as Coreógrafas Antonieta Soares e Dayse Torres que se formaram na primeira turma de licenciatura em dança da cidade de João Pessoa.

principalmente em disciplinas como Metodologia do Trabalho Científico e Pesquisa Aplicada às Artes Cênicas, pesquisamos mais e desenvolvemos a escrita sobre a figura da baliza. Dentro do Projeto de Extensão intitulado “Corpo Coreográfico”¹⁰(2017-2018), do qual fomos bolsistas PROBEX no ano de 2018, sob orientação do Prof. Dr. Arthur Marques, desenvolvemos atividades que auxiliaram na mudança da nossa forma de organizar o ensino.

As referências bibliográficas sobre as bandas marciais estudantis foram difíceis de encontrar para o desenvolvimento desse trabalho. Há poucos trabalhos sobre o movimento de bandas e, mais ainda, sobre a figura da baliza. Acreditamos que o tempo que passamos como bolsista do PROBEX, fez com que a decisão sobre o tema desse Trabalho de Conclusão fosse voltado para a nossa área de atuação.

Pensamos que ele seria possível, embora sem as devidas referências sobre outras práticas de ensino em Dança ou treinamento específico para balizas, a através da escrita sobre a reflexão da nossa prática de ensino em relação ao nosso processo de aprendizado, confirmando essa escolha de tema e desenvolvendo essa escrita reflexiva e informativa sobre a metodologia e a criação coreográfica que desenvolvemos como coreógrafa de bandas marciais em, especial, quando atuamos com as nossas alunas aprendizes de balizas.

Durante esses últimos quatro anos como graduanda em Dança, pesquisamos, escrevemos e passamos a vivenciar a área do ensino das balizas com principal interesse, buscando uma forma de contribuir positivamente com o meio das bandas marciais estudantis e, conseqüentemente, para o ensino da Dança.

¹⁰ O projeto corpo coreográfico, desenvolve ações para os alunos das bandas como também auxilia os profissionais da área, o projeto busca através de ações extensivas, de pesquisa e ensino, promover e desenvolver pesquisas sobre o trabalho realizado por coreógrafos de bandas marciais estudantis na cidade de João Pessoa.

1. CAPÍTULO 1 - AS BANDAS MARCIAIS ESTUDANTIS

O surgimento das bandas marciais estudantis é assunto deste capítulo. Apresentamos como as bandas marciais passaram a ser uma realidade no Brasil e no contexto de ambientes de ensino formal, em especial, nas escolas municipais da cidade de João Pessoa - PB.

Trataremos aqui sobre a contextualização das bandas marciais na cidade, surgimento e como esse movimento foi se expandindo, transformando-se e adentrando no âmbito escolar. Importante entendermos um pouco sobre o surgimento e a inserção das bandas marciais, pois através desse contexto foi quesurgiu a baliza, figura responsável pelos questionamentos da pesquisa.

A compreensão da história das bandas marciais no contexto brasileiro importa para perceber o seu incentivo de forma direta ou indireta para a inserção do ensino de Música e Dança na rede municipal de ensino na cidade de João Pessoa-PB. Portanto, consideramos o contexto de surgimento das bandas, suas diferentes organizações, seus elementos constituintes e sua inserção nas escolas como forma de ensino de Música e Dança, e a importância que tomou o movimento das bandas marciais para a comunidade.

1.1. Contexto histórico

Segundo Torres (2018, p.17), “No Brasil, a Banda Marcial Estudantil, que está muito presente na cultura popular com representatividade no ambiente escolar por meio do ensino da Música e Dança”.

Torres (2018) afirma que a banda tem grande influência das bandas de músicas militares através da “ordem unida” – coma marcialidade e padrões de movimentos rígidos, seguindo o regulamento de Ordem Unida militar. Seguindo esse pensamento, segundo Lima (2007,p.36), “as bandas militares interessam aqui porque foram elas que exerceram forte influência na formação dos conjuntos que se desenvolveram dentro da escolas”.

Acreditamos que a banda se estruturou seguindo desse modelo da banda militar, em sua forma organizacional e estrutural, e em sua exigência de alinhamento e postura.

Para Lima (2007, p.37), “na entrada da século XX, com o exército nacional consolidado na criação da República, o governou usou os militares para treinarem bandas das novas escolas republicanas”. Ainda,

Orientadas para uma disciplina marcial, as bandas escolares ganharam destaque em rituais cívicos, ocupando espaços públicos abertos. Além disso passaram a fazer parte do currículo das escolas, tal como o ensino da ginástica e os exercícios militares. (LIMA, 2007, p.38).

Como podemos ver com a fala do autor, entendemos que o surgimento das bandas se deu através das bandas militares, e, após um longo período nas escolas, foi se desenvolvendo e firmando sua inserção, com a intenção de reforçar os valores do civismo nos desfiles. “[...] a tradição dos desfiles na data da Independência foi iniciada na década de 40 por Getúlio Vargas, com o objetivo declarado de promover os valores cívicos desde cedo” (BASSO, 2017, s/p).

A pátria sempre é reforçada no dia 7 de Setembro e Dia da Independência do Brasil, com os desfiles e a presença das autoridades da cidade. Também há a participação das bandas militares junto aos seus soldados nesta data, as bandas marciais que representam as escolas, com símbolos, cores no uniforme, bandeiras e músicas.

No entanto, no viés pedagógico, o ensino da dança e da música nas bandas marciais estudantis não está somente ligado a esses aspectos. A banda explora a dança e a música como linguagens artísticas, através da ampliação do conhecimento do aluno sobre a cultura local e suas manifestações, que envolvem essas duas linguagens.

Dentro do âmbito escolar, os profissionais passam a exercer não mais a função de apenas demonstrar como os alunos devem reproduzir, mais começam a trazer um olhar pedagógico mais atento aos processos de aprendizado e ensino, colocando em prática teorias que consideram o aluno como parte do processo com suas subjetividades, para que os alunos passem pelo processo de aprendizagem cada qual com seu tempo e capacidade individual para aquisição de habilidades.

A banda passa a ser uma atividade extracurricular que possibilita o aluno a estar fazendo arte e dentro dela se conhecendo. O coreógrafo passa da função de ser técnico para ser professor, já que ele exerce a função de ensinar, e os desfiles passam a ser uma vitrine das escolas onde o aluno se sente especial tendo um momento pra mostrar quem é ele e o que ele aprendeu e como sabe fazer.

A banda marcial dentro da escola tem o intuito de resgate e socialização dos participantes, juntos aos professores. Os desenvolvimentos da música e da dança partem para algo que se torna prazeroso, educativo e que resgata os alunos da marginalidade tendo uma grande importância social.

Como ex-integrante de uma banda marcial estudantil, chamada Professor Israel Pereira Gomes, pertencente à Escola Municipal Darcy Ribeiro, onde atuamos agora como coreógrafa, é perceptível que o trabalho da banda marcial está bem avançando em termos de organização. É preciso, porém, sempre renovar o olhar sobre as questões educativas e práticas dentro deste ambiente. Observamos situações e demandas que são exigidas pelos regulamentos, que nos preocupam, em especial, nos quesitos de exigências e julgamento da dança das balizas, e como esses aspectos informam sobre as questões do corpo e, ainda, até riscos de lesões que essa figura corre.

No entendimento sobre o processo de aprendizagem, passamos a refletir sobre a prática metodológica. Como baliza, professora e coreógrafa, em se tratando de composição coreográfica, tratamos sobre essa questão adiante, onde comentamos as exigências do regulamento da Confederação Nacional Brasileira de Bandas e Fanfarras e a função do coreógrafo.

A banda marcial tem um trabalho coreográfico visando a apresentação em desfiles, porém não se limita mais a apenas isto. O desenvolvimento da dança nas bandas marciais vem se expandindo. Os coreógrafos trabalham temáticas anuais, de acordo com cada homenageado que a secretaria educacional escolhe. Assim, as escolas desenvolvem eventos chamados de culminância. Além das escolas, o próprio setor de coordenação da SEDEC busca promover eventos e festivais durante o ano letivo.

A banda marcial se torna parte do ambiente escolar, como uma atividade extra-curricular que incentiva o aluno ao desenvolvimento do lado artístico, além de promover o resgate e auxílio na construção do sujeito e do cidadão.

De acordo com os conhecimentos que temos sobre ballet e com nas disciplinas vivenciadas no curso de dança, além da vivência no meio marcial¹¹ desde criança, procuramos ministrar aulas onde introduzimos noções técnicas de ballet. Também trabalhamos movimentos de outras técnicas de dança, para que o aluno possa experimentar e vivenciar outros tipos que, nas montagens de coreografia, o aluno possa ter mais facilidade na execução e compreensão do movimento.

Apresentamos, no próximo item, como as bandas marciais estudantis se desenvolveram, especialmente, no município de João Pessoa - PB.

1.2. O ensino de Música e Dança

O ensino de música e dança através das bandas marciais estudantis vem sendo desenvolvido nas escolas municipais de João Pessoa por muitos anos. Tem ganhado uma grande visibilidade e modificações a cada ano. A proposta, inclusive, tem se tornado referência em outros estados.

As bandas marciais, no contexto pedagógico, auxiliam na construção de conhecimento e contribuem na formação artística do alunado.

A participação em bandas marciais estudantis promover ao estudante do Ensino Fundamental I e II, o (re) conhecimento de fundamentos da dança e da música. Essa introdução ao ensino da linguagem da arte desperta no aluno a disposição e participação neste movimento, como um lugar novo, de experimentação e descoberta. Não sendo uma aula obrigatória, é, entretanto, uma das aulas que os alunos mais gostam e fazem questão de participar. É algo diferenciada das outras aulas e satisfaz e incentiva o querer aprender, descobrir e se desafiar, além de auxiliar as outras disciplinas dentro de sala de aula.

Segundo Nóbrega (2018, p.46).

A coordenação de Atividades Artística Escolares, hoje conhecida como coordenação de Bandas, Música e Dança, vinculada a SEDEC da prefeitura municipal de João Pessoa (PMJP), foi criada através da Lei Municipal nº7.131, no dia 05 de outubro de 1992

¹¹“Meio marcial” é um termo usado em senso comum no movimento das bandas marciais. É sinônimo de “movimento das bandas marciais estudantis” e usado como forma de reconhecimento entre os participantes e como estratégia identificatória, ou seja, reforço da identidade deste grupo cultural.

No município de João Pessoa-PB, atualmente, todas as escolas públicas da rede municipal de ensino possuem uma banda marcial estudantil, com o já mencionado Projeto Música e Dança. Esse projeto vem sendo desenvolvido com a coordenação de Rômulo Albuquerque, que é bacharel em Música (UFPB), tem curso superior em regência de bandas pela UFPB e especialização em Metodologia do Ensino da Música. Ele administra o projeto que abrange as bandas escolares participantes, e as bandas da prefeitura.

Dentro do projeto existem diversos grupos, que trabalham com o auxílio aos professores, tendo visitas escolares para promover e despertar o interesse pelo projeto para os alunos. Dentre esses grupos, temos o de aulas para balizas e mores da rede municipal de ensino. Estes grupos são desenvolvidos pela coordenação da SEDEC com aulas ministradas semanalmente, formando outro projeto, com iniciativa dos professores formadores de Mor, George Magalhães, estudante de Educação Física, Matheus Nascimento, estudante de Filosofia, Júlia Vasconcelos, estudante de Educação Física e Annyelle Gomes, estudante de Licenciatura em Dança.

O projeto foi criado e implantado no ano de 2017, com a intenção de auxiliar e alertar para os cuidados da prática das Balizas e do Mor, trabalhando os movimentos e elementos que compõem a sua apresentação, além de ter o intuito de dar mais suporte aos coreógrafos.

A Banda Marcial da SEDEC tem o comando do maestro Clailton França que tem Pós-graduação em Educação Musical pelo Instituto Prominas (2018), é Bacharel em música com práticas interpretativas em trombone pela UFPB (2017), Licenciado em Música com práticas interpretativas em trombone (2015). Ele vem fazendo junto com os regentes da SEDEC um trabalho de reciclagem e estímulo para a prática desses professores, bem como formar e incentivar a prática e a teoria, visitando as escolas que solicitam desse apoio durante o ano letivo. Essas visitas promovem a participação dos alunos no projeto, além de incentivar o lado artístico musical de cada profissional componente da banda. Essas visitas são feitas todas as segundas durante o período da manhã, horário que é estabelecido pela coordenação para a formação dos maestros do projeto.

Também temos a banda show, banda essa que segue o modelo das *marching bands*, as famosas bandas dos Estados Unidos. A banda show da SEDEC é uma das bandas da prefeitura, que dá espaço para os ex-alunos e pessoas da cidade

que tenham vontade de participar ou continuar a fazer parte do movimento de bandas marciais, mas que já terminaram o ensino fundamental.

Os ensaios são para preparação de um verdadeiro show, a banda e as coreografias são montadas e ensaiadas para a formação de um espetáculo, que acontece nas ruas e em quadras, trabalhando com temáticas onde dançarinos e músicos dançam e formam figuras em sua apresentação. Essa banda é regida por Josivaldo Cavalcante e o trabalho coreográfico é organizado pela coreógrafa Karol Balystar, que atualmente desempenha o trabalho coreográfico tanto da Sedec Show como na Sedec Sênior.

No capítulo a seguir, veremos como se dá a organização de cada elemento componente das bandas marciais estudantis.

1.3. Organização de elementos das bandas marciais estudantis

Os elementos da banda marcial estudantil compõem a chamada linha de frente da banda. Ela segue em sua apresentação pelo comando do Mór, que exerce a função de alinhar, organizar e comandar a corporação com o seu bastão, que determina a direção e deslocamento de toda a banda. Esse elemento participante da banda é uma das figuras que atua também com orientação do coreógrafo. Ele tem uma grande participação durante a apresentação da banda.

Acredita-se que o mesmo deve possuir como característica, o espírito de liderança, sem tal atributo será muito difícil coordenar a banda com eficiência. Em segundo lugar, ele deve possuir conhecimentos musicais, principalmente no tocante ao ritmo e, distinguir as variantes do repertório do corpo Musical, logo, poderá saber o momento exato, para iniciar e/ou terminar uma convenção coreográfica balizada através do bastão, servindo para direcionar e organizar o posicionamento do conjunto em desfiles (CORREA, 2016, p.197).

Esses são quesitos que estão presentes na apresentação do Mór, além de serem quesitos avaliativos de apresentação em alguns aspectos da Banda em campeonatos. Essa figura tem bastante influência sobre a banda em sua apresentação, além de ser um componente que não pode faltar, é ele quem deve apresentar mais movimentos identificados como “marciais” pela sua herança

militarista da marcha, organização e postura, uma vez que exerce a função de um comandante para com a banda.

Figura 1- Mór George Magalhães Sedec Show



Desfile do Vieira Diniz, 2019.

Fonte: <<https://www.agorapb.com.br/2017/09/desfile-no-vieira-diniz-abre-semana-da.html>>. Acesso em: 15 de março de 2020.

Outro elemento da banda marcial que ainda traz traços das bandas militares, é o Pavilhão Cívico - ou Nacional -, que traz consigo a identificação da banda marcial estudantil. O Pavilhão Nacional é composto por cinco até sete pessoas que seguram o cartel. O cartel vem à frente, geralmente carregando o nome da escola ou o nome de algum homenageado que deu nome para a banda. Com o nome da banda, nesse cartel consta também o seu ano de fundação.

O pavilhão é uma das figuras indispensáveis na banda. Ele é quem identifica e diferencia uma banda da outra. Juntamente com o cartel, apresenta-se a bandeira do país, a bandeira escolar e a bandeira do Estado, cada uma com seus guardiões. Na Figura 2, vemos o cartel da Banda Marcial Israel Pereira Gomes, pertencente à Escola Municipal Darcy Ribeiro.

Figura 2- Estandarte da Banda Marcial Israel Pereira Gomes



Desfile cívico, no bairro dos Funcionários II, em 2007. Fonte: Acervo pessoal.

Após o cartel, vem o elemento compositivo da banda marcial estudantil nomeado “corpo coreográfico”. Com no mínimo 10 alunos, é um grupo que, em conjunto, realiza coreografias com movimentos bem sincronizados e em harmonia. Os símbolos mais representativos do corpo coreográfico são as bandeiras, que são utilizadas com movimentos de giros, lançamentos e movimentos executados juntamente com a marcha. Devem apresentar os movimentos com elegância e simpatia. Porém, atualmente, muitos coreógrafos vêm desafiando e inovando em suas coreografias, até mesmo deixando de utilizar um dos elementos mais representativos do corpo coreográfico que é a bandeira, e se apropriando mais de estilos de dança como o ballet.

As Figuras 3 e 4 são registros do corpo coreográfico da mesma banda marcial estudantil, nos anos 2007 e 2017, respectivamente. Embora tratemos de mudanças, mesmo no período de dez anos, a mesma escola ainda utiliza desse elemento, a fim de mantê-lo como característico, embora seu uso seja mais elaborado.



Figura 3 - Corpo coreográfico da Banda Marcial Israel Pereira Gomes, em 2007

Ensaio de marcha na Escola Municipal Darcy Ribeiro, em 2007. Fonte: Acervo pessoal.

Figura 4 - Corpo coreográfico da Banda Marcial Israel Pereira Gomes, em 2017



Desfile no bairro de Mangabeira, em 2017. Fonte: Acervo pessoal.

Por último, temos a baliza. É um elemento componente das bandas marciais que vem à frente de toda a banda. Com elegância e simpatia, deve executar os movimentos com o bastão - baliza -, trazendo ideias de leveza, charme e luxo.

Ao se pensar o termo baliza a partir da referência de marco, limite, fronteira, guia, é provável que se estabeleça uma associação de objetos como estaca, cones, poste, bandeiras, bastão etc., Ou seja, elementos que foram convencionados como códigos visando facilitar o processo de comunicação no tempo e no espaço. (CORREA, 2016, p.216).

A baliza demonstra em sua apresentação uma junção de estilos de dança, que não necessariamente são executados com o apuro técnico ou destreza de uma bailarina em cena ou de uma ginasta de ginástica rítmica em uma apresentação. A baliza deve se apropriar dos movimentos de técnicas variadas a fim de compor um vocabulário de movimentos que sejam de seu domínio e que consiga fazer com a habilidade necessária para que mantenha sua função com graça e leveza.

Considerando a fala de Correa (2016), a baliza se apropria desse entendimento de ser um elemento que facilita o processo de comunicação, e desempenha o papel de interagir a platéia com a banda, fazendo isso através de seu movimento e sua dança, com muita graciosidade, leveza, acrobacias e deslocamentos em sua apresentação.

O que mais chama atenção nessa figura é sua habilidade de junção entre movimento, espaço e cena. Ela deve estar livre para dançar como quiser - improvisando - a partir dos movimentos pré-ensaiados e treinados com o seu coreógrafo.

Atualmente, também temos a figura do baliza masculino, que desempenha a mesma função da baliza, mudando apenas a vestimenta e algumas movimentações. Essa mudança na figura da baliza é ainda novidade na cidade de João Pessoa.

Todos esses componentes são integrantes da Linha de Frente e são responsabilidades do coreógrafo, que se trata do professor/responsável pelo ensino da dança e para preparar o grupo técnica e artisticamente, e organizar os ensaios para as apresentações.

O coreógrafo deve planejar o tempo para se dividir semanalmente no trabalho com cada um desses elementos, Ele também deve ministrar aulas, onde o fator principal é o produto final: A montagem de coreografias para as apresentações dos desfiles cívicos, campeonatos e apresentações do calendário anual escolar da coordenação de bandas.

Diante do exposto, vemos que o coreógrafo tem muitas responsabilidades e uma demanda de trabalho somente junto à banda marcial estudantil, que

envolve, como já mencionamos, ensinar dança em seus aspectos técnicos e artísticos, treinar movimentos acrobáticos e de ginástica rítmica, preparar todos os componentes da linha de frente e a coreografia desses elementos, de acordo com sua posição e forma de se apresentar diferenciada e com exigências diferentes. Junto à banda marcial, esses ensaios são organizados em cronograma semanal, tendo em vista que o tempo é curto e é necessário muita organização e empenho do coreógrafo para lidar com essas funções, principalmente nos períodos de apresentações, onde também, inclusive, passa a ser responsável por produção de figurinos, por exemplo:

Entre um sinal e o outro, entre a chamada e o alvoroço final, entre as tentativas de início e algum fechamento, entre os pedidos de silêncio e a despedida, entre as urgentes conversas paralelas e a recolha de alguma produção, entre a arrumação inicial da sala e sua limpeza, alguns professores dedicados e convictos efetivamente ensinam Artes nas escolas. Como conseguem? O que fazem? Como administram o tempo? - sempre escasso. Como conquistam materiais? - sempre precários. Como contornam o espaço? - sempre insuficiente. Como lidam com as salas? - sempre lotadas. Como conquistam o respeito de alunos e colegas? - sempre desdenhosos em relação ao ensino de Arte. Não sabemos, mas admiramos (BRAZIL, F. ; MARQUES, I. 2014, s/p.).

Vemos com a citação acima questões que são da realidade do professor de Artes. A partir dessa realidade cotidiana dos professores de Artes que, inclusive, fazem parte do corpo docente das escolas, passam por essas situações acima, refletimos: se esses problemas e desdém são da realidade do professor de Artes, docente efetivo, o coreógrafo da banda que é contratado para trabalhar com dança na rede municipal talvez sinta isso de forma ainda maior, em considerando a banda marcial estudantil como uma prática que acontece nas escolas, em uma aula não formal, onde não se tem obrigatoriedade de participação dos alunos. Questões vivenciadas e atreladas ao dia-a-dia do coreógrafo dentro da escola, vemos o quanto o trabalho do coreógrafo é regado de desafios, assim como o do professor de Artes.

O tempo para ordenar todas essas questões ele é pouco, e por isso acredito que tem as implicações causadas no ensino da dança das balizas, já que esse corpo é um dos que necessita de um olhar e trabalho maior pela demanda de movimentações que são exercidas e apresentadas.

Por isso, vamos analisar e refletir sobre as balizas e o coreógrafo, que desempenha a função de ensinar e coreografar uma dança geralmente individual, que requer treinos e repetição.

2. CAPÍTULO 2 - A DANÇA DA BALIZA

A baliza em sua apresentação utiliza o que conhece no seu “vocabulário” de movimentos corporais, sempre dando o seu melhor sorriso e tentando executar o que devidamente treinou com o coreógrafo. Como já informamos anteriormente, ela apresenta sua banda e promove a interação com o público, cumprimentando-o, através do seu movimento.

Ensaíados e criados com a orientação do coreógrafo, os movimentos da baliza devem ser explorados de acordo com as habilidades que ela tem. Assim, o coreógrafo deve, metodologicamente, introduzir elementos que a baliza utilizará em suas apresentações de maneira gradual e com nível de dificuldade progressiva durante o período de aulas e ensaios. Ainda, no processo de criação, empregar o movimento que a baliza aprende e os que já conhecem, com atenção ao uso do espaço e do tempo (que é pré-determinado pelo andamento da peça musical trabalhada).

Pensaremos no movimento. A aprendiz de baliza faz movimentações que têm embasamento na ginástica rítmica. Como exemplos, a “estrelinha” e a “reversão”. São elementos que exigem força, equilíbrio, flexibilidade, agilidade, entre outras habilidades. A exemplo deles é coerente introduzir nas aulas exercícios para explorar esses dois elementos. Entretanto, notamos que essas habilidades fazem parte de toda dança da baliza em suas apresentações, com maior ou menos ênfase em um aspecto ou outro.

Para além dessas habilidades, tempo, ritmo e expressão são os aspectos que o coreógrafo deve considerar como pontos primordiais no trabalho com as balizas, pois a partir deles é que as habilidades podem ser desenvolvidas.

Com o domínio das habilidades, o coreógrafo deve primar para que a baliza utilize o espaço com harmonia em sua dança. O aprendizado em dança que explora direções e níveis espaciais auxilia em uma improvisação equilibrada e harmônica. O

espaço externo deve ser explorado com formas em níveis e direções que o coreógrafo precisa propor com atenção às habilidades que a baliza apresenta.

Trabalhamos com os elementos que estão atrelados às figuras componentes da Linha de Frente que remetem a marcialidade, entendidos como marcha, e com postura que nas balizas se intitula como “garbo”, que implica no seu “estilo” de se movimentar em uma apresentação.

Organizamos as aulas de maneira que introduzirmos exercícios para estimular e trabalhar as habilidades, lançando mão do uso de técnica de dança - geralmente ballet e/ou jazz - e/ou outras técnicas corporais - geralmente ginástica rítmica.

Em um segundo momento, pensamos no trabalho coreográfico individual com a baliza. Cuidamos, em especial, como propor mudanças em seu tempo, em sua expressão e como trazer o espaço - em níveis e direções - a junção dessa apresentação com elementos que, em geral, são exigidos em competições. Pensamos na dança das balizas como algo próprio, singular, que se apropria de outras fontes, como os outros estilos de dança.

É fundamental explicar que o que acontece é que esse trabalho de primeiramente ensinar a dança acaba sendo corrompido, porque, como foi visto no capítulo anterior, o coreógrafo tem outros elementos para exercer a função. Infelizmente, vemos muitas das vezes um coreógrafo escolhendo alguma aluna que já tenha conhecimento em movimentações da ginástica ou que já tenha a prática de algum estilo de dança, pulando a etapa de introdução e partindo para o processo de apresentações.

Percebemos que a realidade vivenciada é exatamente esta, sem que haja o devido trabalho de acompanhamento e crescimento coletivo. O aluno passa a treinar sozinho e, nos desfiles, muitas das vezes não existe uma coreografia orientada - ele está ali exposto a se apresentar dando o melhor de si, mas, sem nenhuma orientação e preparo. Consideramos que

Um artista da dança para realizar um repertório (“coreografia”), deve escolher e compor com elementos da dança que digam respeito ao

corpo,ao espaço, às qualidades de movimento etc.(BRAZIL;MARQUES,2014).

É uma dança que é vista , e ao mesmo tempo dançando, através da relação do público e banda , conseguimos fazer pontes , trocar energias e refletir um pouco do outro em nós. A maioria das apresentações das bandas , ela tem o formato de ser uma dança executada sempre pensando no deslocamento á frente,então vemos que a dança da baliza é uma dança pensanda num seguimento á frente como um movimento que vai e te conduz a ir com ele.Lembrando de nessa condução brincar de escorregar,pensar em sair dessa reta como uma forma de mudar,se apropriando e conectando com as mudanças, pensando em mover-se e trazer consigo o que te move, conectando olhares e sorrisos com o seu mover.

Outro acréscimo na apresentação da baliza é o bastão. Com esse bastão, é necessário fazer movimentos que incluam lançamentos e molinetes com as mãos. Chamado de baliza, ele é, na maioria das vezes, do tamanho da perna da baliza, e se trata de um bastão feito de ferro com duas bolas de borracha nas pontas para dar equilíbrio ao bastão, como se vê na Figura 5:



Figura- 5- Annyelle Gomes, baliza da Banda Marcial Universidade Infantil

Baliza da banda Marcial Universidade Infantil-PE apresentação na praça Marco Zero-PE, em 2019.Fonte:<<https://www.planetabandas.com.br/2019/10/como-foi-a-final-da-xi-copa-pernambucana-2019/>>. Acesso em 09 de março de 2020.

A figura da baliza vem à frente de uma corporação, segurando seu bastão e movimentando-se movendo ele. Geralmente, essa é uma fala que reverbera nas situações dos regulamentos dos campeonatos, onde requer na apresentação inicial da banda a utilização obrigatória do bastão. Entretanto, é um elemento não comum nas apresentações das balizas na cidade de João Pessoa. Acreditamos que isso se dá pelo fato de ser um elemento com um valor relativamente caro e que não é oferecido nas escolas pelo projeto. Sendo assim, não é utilizado nas escolas e é um elemento mais presente nas apresentações de bandas não escolares de João Pessoa e em campeonatos.

Sempre com uniforme padrão com as cores predominantes de acordo com a cor do fardamento dos componentes da banda, as roupas das balizas geralmente tem brilho, e não são iguais ao de outros integrantes da banda. Isso porque a baliza ela é, assim como o Mór, uma figura única na banda e que é dado destaque.

Algumas bandas podem apresentar mais outras balizas, mas o fardamento geralmente nunca é idêntico - cada uma tem sua característica e geralmente os fardamentos vêm de acordo com o gosto de cada baliza, onde traz um pouco de si em sua vestimenta, normalmente, em formato de vestido justo ao corpo.

2.1 Experiência, memória, campeonato, dança e relação

As balizas eram escolhidas pelos coreógrafos e tinha um modelo padrão de apresentação, sempre marchando e sorrindo essa figura vinha a frente com o papel de interagir com o público e trazer a alegria da banda consigo, o fardamento tinha um formato com bastante pedrarias pesadas, com ombreiras cheia de pedrarias e enfeites. Um dos tecidos mais usados era o veludo.

Atualmente, essas características foram se transformando, as roupas foram se tornando mais leves as botas mais confortáveis. Acreditamos que isso se deu muito pela questão das informações e mudanças de tempo, como também o acesso a essa figura por meio de vídeos, quando podemos ver outras balizas de outras bandas. As roupas das ginastas influenciaram as vestimentas das balizas em João Pessoa. Encontramos balizas que tiveram treinamento de ginástica e, na movimentação, notamos as balizas muito mais preocupadas com a execução do movimento e com o grau de dificuldade acrobática.

Sendo posto como algo que é essencial e que se afirma popularmente que é a dança da baliza, notamos as balizas preocupadas com a qualidade de sua apresentação e pouco preocupadas com o cuidado do seu corpo.

Refletimos, como baliza e participante de campeonatos, que o regulamento influencia muito nesses corpos, onde, atualmente, a melhor baliza - no sentido da melhor execução dos movimentos exigidos - é a que vence esses campeonatos.

Pensando sobre esse regulamento e as exigências que misturam elementos da Ginástica Rítmica, Ginástica Artística, Dança e Teatro, acreditamos que ele está totalmente dissociado de um pensamento pedagógico, além da realidade dos coreógrafos e alunos participantes. Além de implicar nesses corpos uma condição de competição, o modo de avaliação nos faz repensar se isso realmente é importante e saudável para os alunos.

Segundo Lima (2007, p.100), “as regras dos campeonatos exercem forte influência nas práticas de ensaios. Estes são voltados para a busca do padrão ideal das competições o que causa expectativa nos adolescentes desejos de aventuras e viagens”.

Uma vez que esses campeonatos tem influência sobre essa prática, podemos afirmar que influenciam na metodologia de ensino dos coreógrafos participantes desse movimento, como também influenciam no aprendizado e na experiência afetiva e psicopedagógica pessoal de cada aluno. Isso inclui as condições dos campeonatos que se dão em lugares não muito apropriados, geralmente realizados em estruturas que deixam a desejar, espaços inapropriados e organização quase sempre inadequada. Já tivemos a experiência de participarmos de campeonatos super desorganizados, com alojamento que não comportava todas as escolas que estavam presentes, sem estrutura para suprir as necessidades básicas dos alunos, além de não cederem uma boa alimentação para os componentes participantes desses campeonatos.

Campeonatos são realizados, na maioria das vezes, em ruas ou ginásios, estando sujeitos a lidar com quaisquer situações que venham a acontecer. Dançar na rua, com muita chuva, foi uma dessas situações, com prejuízo da apresentação e com o a exposição à uma situação onde todos os materiais ficaram encharcados, o chão escorregava muito.

Essa experiência serviu como exemplo, na prática pedagógica da coreógrafa, como uma situação que não vale à pena expor meus alunos.

Refletimos sobre os quesitos de avaliação desses campeonatos que implicam diretamente no ensino das balizas, já que as bandas se preparam para eles visando atingir a excelência nos quesitos obrigatórios. Em nossa concepção, eles não acrescentam pedagogicamente ao participante da banda. Influenciam diretamente na dança das balizas participantes desses campeonatos, que servem de modelo para as outras balizas.

De acordo com Santos (2018,p.30)

Sentia-me frustrada quando por vezes não conseguia realizar os tais movimentos, buscando sempre aumentar o grau de dificuldade de elaboração de movimentos em minhas apresentações ensaiava durante muito tempo sem parar, deixando meu corpo sempre fadigado e dolorido.

Como aponto quando falo da aprendizagem da baliza , que muita das vezes possui uma prática sem instrução , fazendo com que a mesma construa o seu conhecimento com vídeos assistidos pela internet, vídeos esses que são os que instruem esses corpos, normalmente são imagens de campeonatos, ou seja mesmo que a aluna não participe, essa dança praticada pelas participantes desses eventos influencia na movimentação da que assiste.

Na prática como docente utilizamos dessas experiências, para conscientizar e preparar os alunos para essas questões que são muito vivenciadas dentro desses campeonatos, situações onde o aluno é exposto e ali ele precisa estar bem preparado psicologicamente para se segurar e saber driblar as situações que podem vim a ocorrer durante sua apresentação, mais para que isso aconteça é preciso acontecer uma construção em conjunta de coreógrafo e aluno, para que haja a confiança e segurança entre elas, então sempre buscamos extrair da conscientização corporal para a prática desses corpos.

Santos (2018, p.33),

Levando em consideração que a consciência do próprio corpo pode auxiliar também na elaboração de processos artísticos criativos podemos afirmar que a mesma também pode ser responsável por expandir o vocabulário corporal de que a vivencia, de maneira que se possa com isto redescobrir outras possibilidades de movimento e criação artística á partir de experimentações corporais observatórias de maneira mais consciente e minuciosa, dando mais atenção a

partes do corpo antes esquecidas e negligenciadas neste processo de criação artística.

Então utilizamos dos jogos corporais, da busca do acaso para o mover, do acontecimento para que a aluna esteja preparada para as apresentações, para o que pode vir durante o seu estar em cena. mostrando que a técnica e acrobacia elas não são apenas o que vai contar em sua apresentação. Algumas movimentações que não são adequadas para certos tipos de lugares devem ser colocadas em segundo plano, pensando no bem estar e na saúde do seu corpo, embora o que mais se veja nos desfiles são balizas machucadas, por não terem esse conhecimento e acharem que só serão aplaudidas se fizerem certos tipos de movimentos que resultam nos arranhões e no excesso de movimentações que possam implicar no seu corpo no futuro.

Buscando deixar claro que o que mais vale é a sua presença, como ela está feliz e como transmitir isso através do seu mover, permitindo que elas façam em suas apresentações os movimentos que ensaiaram de forma autêntica e consciente e que isso as façam se sentirem seguras fazendo com que não exista uma pressão ou um entendimento de que elas só serão boas se fizerem determinados passos. Mais sim que a iniciação, a execução entendida de cada passo vai fazer com que elas se sintam confortáveis e seguras, é isto diretamente vai implicar no mover e na construção de sua apresentação. Isso é um pensamento de construção de liberdade de expressão corporal, onde o aluno é o autor da sua dança e ele tem a instrução do coreógrafo, partindo de uma metodologia onde o aluno se sinta confortável, essa é a prática adotada na dança das balizas da escola Darcy Ribeiro, partindo das reflexões e experiências da baliza, coreógrafa e professora de dança Annyelle Gomes.

Esse pensamento ele passou a ser construído com minhas vivências, e após minha inserção no curso de licenciatura em dança, quando se passa a ver disciplinas como anatomia, você percebe os riscos que podem ser causados ao seu corpo, e imagina causar esses mesmos riscos ao corpo de um aluno.

Como licenciada em dança procuramos auxiliar o aluno de uma forma em que ele saiba o que está fazendo, tenha cautela e limites, como quando coreógrafo me responsabilizo pela sua aprendizagem, e trago a importância de conscientizar que antes de qualquer prática é importante se fazer o alongamento e não forçar á

musculatura a mais do que se consegue ir, conscientizar o aluno que o trabalho de corpo ele é intensificado ,mais que é preciso ser construído e respeitar os limites.

Como quando comecei isso não era repassado, não tinha essa conscientização e preocupação em conscientizar, acredito que não venho a ter lesões, pelo apoio que sempre tive da minha mãe e por ter ido para as mãos de profissionais qualificados. Por isso ressalto o quanto é importante que o profissional coreógrafo que seja contratado, estude, pesquise, faça aulas e tenha a certeza do quanto o seu papel é fundamental é importante na vida do aluno.

2.2. A apresentação e a influência do regulamento

“A baliza é na verdade um pouco bailarina, um pouco ginasta não que ela seja uma nem a outra, mas ela apresenta um trabalho que exige esses conhecimentos, não a técnica pura de cada um, mas sim o conhecimento básico.”(De Deus, 2007).

Percebemos a demanda de conhecimento que é exigida para o corpo da baliza.

A figura da baliza em que a pesquisa analisa, atualmente é um corpo que tem características de grande preparo físico e de diferentes tipos de movimentação onde ela necessita de aprender acrobacias e movimentos que necessitam ter um grau de flexibilidade, força e domínio do corpo e conhecimentos prévios em estilos de dança mais especificadamente no balé, e tudo isso é executado em curto prazo pela demanda dos eventos que acontecem anualmente.

No quesito formal de apresentação e dança, nota-se que as balizas recorrem muito à alguns movimentos, como associados ao ballet porém com o seu modo de execução desse ponto temos os vários tipos de corpos que praticam a dança das balizas e por esse motivo vão surgindo as características de cada uma do ballet tem alguns movimentos semelhantescom *grand jeté*, o *grand battement* e o *grand écarte* (ou ‘espacate’), da Ginástica.

Como definição, pode-se considerar que os *grands jetés* são saltos de um pé para outro pé. Eles se compõem de dois grandes efetuados em direções opostas(ao contrário do *Temps de fleche*). Os *grands jetés* se realizam precedidos de uma preparação: *passé*, *glissade*, *pas-de-bourrée*, etc. Esses saltos comportam duas

variantes *saut de basque*, *temps de flèche*, *balotté*. O *grand jeté* pode ser executado com um quarto de giro, durante o período de suspensão do salto em giro com $\frac{3}{4}$ de volta até realizar uma volta inteira.(CHALLET-HAAS, 1987, p. 76).

Entende-se que os *grands battements* se tratam da elevação da perna livre, formando um ângulo de 90° em relação à perna de base, ou, com o desenvolvimento da flexibilidade, a perna livre que é lançada (nas direções lado, frente ou trás) pode atingir uma grande altura, como um ângulo 135° (ou maior) em relação à perna de base. Dessa forma, os *grands battements*, obviamente, exigem muita força dinâmica no lançamento da perna, ao mesmo tempo em que também exige muita força para manter a perna de base estática, retendo os joelhos estendidos (não flexionados), o trabalho abdominal e a estabilização da pelve (CHALLET-HAAS, 1987, p. 67).

Já os *grands écarts* ou ‘espacates’ podem ser realizados com o tronco em posição frontal em relação à perna da frente, ou lateralmente, com o tronco em posição neutra ou à frente, em relação às duas pernas abertas em grande ângulo e estendidas.

Outras movimentações muito utilizadas são elementos acrobáticos ou derivados da ginástica rítmica e artística, como a reversão, a inversão, a ‘estrela’ (ou ‘estrelinha’) com o uso de uma ou duas mãos apoiadas no chão. Alguns giros: giro no *retiré passé* (com rotação interna da perna flexionada - *en de dans* – ou com rotação externa da perna flexionada - *en dehors*), giro com perna livre à frente (perna estendida à frente em ângulo de 90 graus em relação à perna de base). Equilíbrios: perna livre a frente (estendida à frente em ângulo de 90 graus, em sustentação, com a perna de base estendida e em flexão plantar ou ‘meia ponta’) e *arabesque* (sustentação da perna livre atrás, em ângulo de 90 graus em relação à perna de base, com tronco em posição vertical). Saltos: *cosaco*, *tesoura*, *saltobiche* e *biche à boucle*.

No entanto, atualmente, encontramos a figura masculina fazendo o mesmo papel da baliza: são os chamados “balizadores”, termo usado popularmente. Nos concursos de banda cada figura baliza feminina e baliza masculino competem de acordo com a sua identidade de gênero, sendo avaliados sob o mesmo

regulamento, dançando a mesma peça musical e utilizando dos mesmos aparelhos que são obrigatórios, mais sendo avaliados pelo seu gênero baliza feminina compete com a baliza feminina e baliza masculino compete com baliza masculino, essa divisão foi determinada pelo regimento que regulamenta os campeonatos.

Vale enfatizar que algumas balizas utilizam de movimentações originadas do ballet, mas que nem sempre são executadas na mesma formatação. O que acontece é que as balizas apresentam movimentos elegante se as já fizeram ballet ou ginástica trazem esses movimentos que já estão na prática do corpo delas ou iniciam nessas áreas para agregar em sua apresentação.

A baliza é julgada separadamente por profissionais de educação física e Dança. Baseados nas manobras de órgãos militares, os movimentos da baliza também são caracterizados por manobrar toda a banda mostrando toda sua graciosidade ao público presente. Ela pode fazer, durante as competições, o uso de outras técnicas de dança, através dos movimentos que estão ligados à música tendo elementos estéticos, como sua uniformidade e composição coreográfica em contraponto a peça fornecida pela banda em contato com um trabalho corporal de precisão, coordenação motora em relação ao espaço e são observadas durante o concurso a presença de expressões corporais, garbo, elegância, uniformes, precisão, interpretação, criação e a leveza(SANTANA, 2017).

Ao mesmo tempo em que o regulamento fornece um espaço para por em prática a criação ele regulamenta, exclui e interfere nesse corpo, começando pelo ponto em que somente uma aluna do gênero feminino e um do gênero masculino podem ser avaliados nos campeonatos. Então se eu tenho mais de uma aluna como baliza no campeonato eu terei que escolher a que irá representar as outras, fazendo assim uma escolha.

E essa aluna que é escolhida é a que consegue cumprir um pouco com o que se é pedido no regulamento, as outras balizas podem participar mas não são avaliadas.

Esses regulamentos geralmente são os que alguns coreógrafos usam como base de plano de aula para o preparo do corpo da baliza, já que como vimos o trabalho se divide em várias figuras e o tempo é curto para trabalhar, então se já inicialmente introduzirmos nas coreografias movimentos que serão futuramente com isso o coreógrafo ganha tempo e a aluna também.

Trazemos aqui alguns pontos avaliados nesses campeonatos de acordo com os regulamentos, para destrincharmos um pouco mais sobre as exigências corporais exigidas para a baliza. Iremos analisar quatro pontos dos oito existentes na ficha de avaliação desses regulamentos. Encontrasse no capítulo XIV Artº 64 do ano de 2018 explica a forma como os avaliadores iram dar notas á baliza de 0 a 10 e tem oito pontos a avaliar, porém aqui iremos contextualizar sobre quatro desses pontos.

I - Coreografia: Será avaliada a coerência da proposta coreográfica com enfoque na sintonia entre a dança e a música, a diversificação e criatividade de movimentos, utilizando as variações do espaço e adereços manuais.

Em relação aos concursos, o importante é que tudo o que for feito pela Baliza esteja integrado á apresentação musical da Banda ou fanfarra. Isso pode parecer simples num primeiro momento, mas, para que aconteça realmente, precisa de um cuidado especial na elaboração de sua coreografia (DE DEUS, 2007).

O primeiro ponto, assim como a citação acima, nos mostra a grande dificuldade do coreógrafo: o trabalho de montagem de coreografia onde por muitas vezes a música que a banda vai tocar é entregue com um mês e em áudios que foram pegos na internet, desse modo o professor adapta a coreografia a essa música buscando encaixar o tempo e ter conexão com as mudanças e os passos estabelecidos antes de escutar a execução da peça sendo tocada pelos alunos da banda e muita das vezes tendo que modificar após essa passagem com a banda, além de ter que agregar a apresentação os adereços manuais como o bastão.

II - Movimentos acrobáticos: Serão avaliados no mínimo, dois movimentos acrobáticos diferentes, em cada coreografia, a criatividade, a elegância e dificuldade técnica, não sendo obrigatórios os movimentos de alto nível de dificuldade, como mortal e flic flac.

Este ponto é um dos que nos deixa claro de que o coreógrafo tem que estabelecer com a baliza a prática do treino, já que no campeonato ela terá que fazer movimentos acrobáticos onde não se tem como avaliar o que seja um movimento de alto nível de dificuldade se não se conhece o corpo do aluno que está a participar da banda, então o coreógrafo tem que investigar, preparar e treinar com ele esses tipos de movimentação trabalho esse que é feito com atletas onde se existe um treino semanal e um preparo de corpo.

Certamente algumas balizas e balizadores conseguem sim executá-los, mas correm com isto um grande risco de se prejudicarem com esta prática, se lesionando e se machucando ao tentar executar certos movimentos que exigem uma maior preparação e compreensão do corpo para tal, quando executamos algum movimento sem compreender a mecânica do mesmo colocamos nosso corpo em um local de vulnerabilidade para danos, sendo as lesões principal deles e mais recorrente no processo de preparação corporal das balizas e balizadores em Pernambuco (SANTOS,2018).

A autora nos traz o seu olhar crítico sobre a situação das balizas de Pernambuco, trago esta pontuação dela como forma de reflexão e percepção que não é diferente da situação das balizas de João Pessoa. A vontade de executar os movimentos de graus de dificuldades é tão grande que todas aqui tentam e muitas das vezes fazem, e por isso, chamamos a atenção para a reflexão sobre o preparo desses corpos, e como essa dança vem sendo apresentada, e que implicações esse corpo sofrerá num futuro se continuarmos sem nos atentar e perceber essas problemáticas que rodeiam o meio das bandas marciais.

III – Elementos: devem apresentar no mínimo com dois adereços para cada coreografia, sendo avaliados a criatividade, o manuseio, a elegância, elementos corporais utilizados e a dificuldade técnica na composição dos exercícios.

Creio que na minha concepção como pesquisadora analítica a inserção dos aparelhos de GR nas competições trouxe uma certa problemática, muitas balizas e balizadores frisam mais em elaborar seqüências de movimentos com maior grau de dificuldade visando obter uma maior pontuação na competição, e com isto muitos deixam muitas vezes a desejar a questão da expressão corporal e da dança. (TEIXEIRA. 2017. p 17).

Assim como a citação acima explana a problemática dos aparelhos para a apresentação da baliza vale salientar as questões que esses aparelhos apresentam uma forma correta de se manusear e cada elemento tem sua característica e tipo de movimentação a combinar. A partir do momento em que no regulamento afirmasse que terá avaliadores de dança e de educação física claramente se entende que este irá avaliar a forma correta da execução do movimento com o aparelho e o de dança

a parte da expressão corporal, mas como esse coreógrafo vai preparar seu aluno, sem formação nessa área?

Através dessa realidade vemos nos campeonatos, balizas despreparadas, ou apresentações de ginastas que viraram balizas, esquecendo o verdadeiro sentido e essência de uma baliza, que é o fazer artístico, a expressão do sentimento representado através da peça musical, a combinação de movimentos leves e rápidos, a confiança, postura e presença em sua apresentação.

IV - Manuseio do Bastão: O bastão deve ser utilizado, respeitando a estrutura física do componente, manuseando-o e lançando-o corretamente, com acrobacia lógica do elemento;

O bastão é o elemento cênico que caracteriza a baliza/balizador, ponto que o mesmo é composto por um material de alumínio em formato cilíndrico com duas bolas de borracha nas extremidades, criando com isso uma relação de contrapeso em suas execuções, o bastão é utilizado de maneira geral por todas as balizas/balizadores, tanto as que participam de desfiles quanto as que participam de competições (concursos), o mesmo é utilizado para realizar manobras e arremessos, pode-se afirmar também que o bastão possui um impacto estético visual de grande importância para quem visualiza seus movimentos, podendo ser conceituado também como uma extensão do corpo da baliza/balizador, definitivamente o bastão é um elemento inseparável e crucial para os mesmos(SANTOS,2018).

Com a descrição sobre este elemento que é Característica da baliza e que a autora cita seu formato e a junção dos outros três pontos citados acima percebemos o quanto o trabalho do corpo da baliza é intenso e requer conhecimentos prévios em diversas áreas.

2.3. Implicações no corpo da baliza

Observei durante minha vivência como baliza uma problemática que se encontra muito recorrente neste movimento, já que alguns participantes ou a grande parte deles ainda se encontram num processo de prática amadora por não possuírem algum tipo de formação/especialização e até mesmo compreensão a cerca da prática/teoria da dança, do corpo e das estruturas que o compõe para realizar determinada atividade, por este motivo muitas balizas e balizadores sofrem em decorrência de práticas errôneas e constantes que ocasionam com isto lesões, isto decorre desde a

forma de se alongar em seus ensaios e concursos até um salto elaborado numa apresentação que não foi amortecido de maneira consciente e correta, prejudicando-os corporalmente. (SANTOS,2018).

Esses problemas rodeiam o meio das bandas marciais e fizeram que com a jornada acadêmica passamos a refletir sobre como quando começamos e agora como quando coreógrafa, baliza e estudante de licenciatura em dança , podemos refletir e abordar sobre a aprendizagem dessa dança .

[...] então como eu desejava ser uma boa baliza muitas das vezes submetia meu corpo à grande excesso de força muscular, muito exercício de flexibilidade inclusive exercícios errados em suas execuções, diga-se de passagem, me prejudicando inconscientemente com esta “metodologia” autodidata, por este motivo reforço neste trabalho a importância de profissionais qualificados para atuar neste campo ainda tão necessitado de uma atenção e supervisão maior por parte dos órgãos e instituições que regem este movimento das bandas marciais que também se encontram inseridas no contexto escolar, se houvessem profissionais que trabalhem a linguagem da dança e as questões do corpo inseridos nestes espaços com certeza este processo de preparação corporal das balizas e balizadores seria mais aproveitável e menos doloroso (SANTOS,2018).

Trazemos aqui com este desabafo da autora, como reflexões que precisam de atenção e cuidado com os profissionais que atuam nesta área. Quando iniciamos no meio das bandas marciais, havia um tipo de teste onde só ficava quem soubesse fazer os movimentos, e a vontade de participar era tão grande que cheguei a treinar sozinha dentro de casa, e sem conhecimento algum, podendo pegar uma lesão. Até conseguir uma oportunidade e se tornar baliza, e deixo aqui claro que movimentos da ginástica aprendi com profissionais da área, como os movimentos de ballet onde fui fazer aulas para poder ser a baliza que tanto queria.

Mas sei também o quanto é difícil ter esse acesso no âmbito escolar e muitas das vezes com situação financeira não tão boa, sei que hoje em dia o acesso a internet é um meio de resgate para esses alunos e a prática do coreógrafo já vem sendo transformada, mesmo assim vale analisar e ressaltar que essa prática também vem sendo moldada pela forma que a internet vem sendo algo acessível onde muitos utilizam dessa fonte para conhecer. Mas vale ressaltar que o conhecimento

online não tem a mesma qualidade de um ensino presencial, além de que o aluno ou professor está sujeito a aprender de forma incorreta e replicar isso em seu corpo. Atualmente como professora e baliza procuro me capacitar, alertar e fornecer o máximo de contribuição e troca para os alunos. Pois ao pensar mais e saber o que se faz com o corpo evita que o aluno execute de maneira incorreta e ocasione lesões. O papel do professor de dança é o de agregar conhecimento e desenvolver o corpo por completo. Para se chegarem a apresentações e campeonatos são necessários muitos ensaios que são divididos em preparo físico e desenvolvimento de movimentações, no qual o aluno é acompanhado de seu coreógrafo para juntos desenvolverem essa prática e aperfeiçoar seus conhecimentos.

O que acontece é que o aluno por si só busca seus meios de conhecimento e aprendizagem, muitas das vezes implicado nos alogamentos de forma errada, na execução de um movimento que resulta num machucado é deixado claro que não é culpa do professor, mas acredito que um dos seus papéis principais é o de conscientizar e auxiliar, é preciso se dispor a compreender, planejar e exercer a prática de ensinar, primeiro para que possa haver uma confiança de ambos, onde o aluno vai saber que pode contar e que vai aprender desde que foram introduzidas as bandas nas escolas, deveria haver cursos de ministração para alertar sobre cuidados com o corpo, aulas de alongamento e fortalecimento para que no geral o professor permeasse por um conhecimento breve mais que auxiliaria na sua prática como coreógrafo, além de beneficiar positivamente o aluno.

Vimos, no Capítulo 2 que a preparação e a dança das balizas é influenciada pela sua prática seja individual, ou pelo conhecimento passado pelo coreógrafo e também tem a influência dos regulamentos, trago aqui nesse próximo capítulo as experiências e reflexões como baliza, graduanda em dança e coreógrafa, onde iremos refletir e analisar sobre o trabalho do coreógrafo e a prática de ensino da autora.

3. CAPÍTULO 3 - O COREÓGRAFO

Vamos discutir a realidade da coreógrafa de banda marcial estudantil, que é um licencianda em dança.

O coreógrafo na rede municipal de ensino exerce o trabalho do professor de dança. Usando de seu conhecimento na área ele não só atua exercendo a função de coreografar, mas de preparar o grupo para as apresentações do calendário de desfiles cívicos, e utiliza dos seus conhecimentos, para montar suas aulas, tendo o papel de auxiliar o aluno em seu primeiro contato com a dança, a escola municipal abrange alunos do fundamental I ao II, então realmente temos esse papel de instruir o primeiro contato do alunado com a dança, tendo em vista que os alunos do fundamental I participarão da banda.

Montando coreografias para as atividades do calendário da coordenação de música e dança da SEDEC, além de desenvolver coreografias para as festividades da escola.

Buscamos primeiramente partir das experiências vivenciadas durante a prática como participante do movimento de bandas marciais, e posteriormente pondo em prática o lado pedagógico como professor.

Então propomos atividades práticas, mas também busco trabalhar o corpo das meninas de forma completa fazendo com que tudo que esteja ligado ao movimento, tenha sentido no seu fazer, para que fique algo mais próximo, então busco trazer sempre jogos corporais, onde eu possa introduzir questões que ajudaram nas coreografias, como direções, níveis, tempo e ritmo.

Acreditamos muito no poder de transformação do aluno através do movimento, e vemos o quanto o coreógrafo pode ajudar e contribuir na construção desse ser.

Através das experiências, relatamos como ocorre o ensino de dança e como era aplicado o ensino quando a mesma era aluna, focando no ensino da figura que estamos a tratar nessa reflexão. Partiremos de dois pontos:

1 - METODOLOGIA DE ENSINO

Refletiremos sobre como desenvolvemos as aulas em especial para as balizas da escola onde a autora trabalha, e como a experiência da mesma que é licencianda em dança tem ajudado na construção desse trabalho.

A forma de ensino que é trabalhada se difere da forma como foi apreendida pela mesma, veremos também que a prática da coreógrafa se da merecidamente pela experiência como graduanda em dança, e pelos seus conhecimentos buscados em academias de dança, mas que foram implantados e estimulados durante o projeto de bandas. Quando participamos da banda onde atualmente a mesma é coreógrafa existiam , testes,não havia a prática do ensino para a preparação das balizas, nem muito menos a abertura de se participar todas as alunas que tinha vontade, o projeto era regido por outras pessoas, e tinha a sua forma de ser realizado, tendo sobre o conhecimento e vivência como a autora relata.

Além de que o acesso as informações ele era limitado, pois não vivíamos em um tempo onde o acesso e a distribuição de informações escritas, visuais eram tão fáceis de acessar.

Então, se o aluno tivesse vontade de participar ele já tinha que ter um conhecimento prévio na área e isso era difícil de ter, os coreógrafos devidamente só exerciam a função de coreografar e a prática era repassada através da reprodução e repetição, e isso foi dando continuidade, até o momento em que houve mudanças e o trabalho estava mais ligado ao fazer pedagógico, de uma forma em que se inclui os alunos e todos passaram a ter acesso a essas aulas, onde se trabalha da iniciação a chegar nas práticas coreográficas,além deque o acesso aos meios de comunicação ele é mais fácil.

O trabalho na SEDEC tem um olhar voltado para o ensino através da música e da dança, onde o coreógrafo atualmente vem recebendo instruções e auxílios no seu fazer pedagógico , é um trabalho que está sendo implantado recentemente mas que acredito que tem bastante importância e contribuirá para ter um olhar positivo para o meio das bandas marciais, uma vez que as bandas tem ligação com heranças do militarismo, e passamos por situações de exclusão, seja nas academias de dança ou na universidade , as pessoas olham para o meio como algo ruim. E em vez de se aproximarem e talvez contribuírem excluem e fazem seus julgamentos próprios.Mas é a banda marcial que está mais próximo da comunidade, que está o tempo inteiro resgatando e auxiliando diversas crianças que vivem de realidades muitas das vezes desconhecidas por muitos na academia.

Atualmente, o trabalho é de iniciação, passando por conhecimentos básicos de corpo, questões de alongar, aquecer, níveis, deslocamentos para preparar esse aluno para futuramente realizar coreografias que atendam as demandas exigidas

pelos regulamentos dos campeonatos , sendo assim disponibilizamos de um tempo do trabalho coreográfico para oferecer a prática das aulas de ballet gratuitamente para as alunas, isso é algo que raramente se encontra além de ser um conhecimento que ser for buscado em outro âmbito não é barato e nem todas as crianças tem esse acesso, além de que as escolas acomodam alunos, carentes que moram em comunidades, muito desses que se alimentam dentro da escola, e essa prática ela é feita como forma de iniciar a prática da dança dentro da escola.

A partir dessas aulas, vão sendo introduzidos movimentos de outros estilos de dança, partimos para processos coreográficos, com pequenas células que vão aumentando e ganhando vida, então passamos primeiramente a nós posicionar como agentes que podem transformar que podem propor uma educação básica onde ele possa oferecer um conhecimento de corpo , de movimento e ter acesso a aulas , que talvez fossem um sonho a se realizar como o da pesquisadora.

O nosso trabalho de iniciar com aulas de estilos de dança parte também da colaboração e auxílio da gestão da escola, que disponibiliza de lanche, e suporte para limpeza e organização do espaço para que seja realizada as aulas. Com esse incentivo da gestão, passamos a ganhar total apoio e valorização dos pais e funcionários da escola.

O trabalho do coreógrafo vai além de cumprir essa demanda, porque muitos ainda fazem esse trabalho com dois grupos, ou seja dividem sua carga horária em duas escolas, não é o caso da autora que aqui relata sua experiência, mais é o caso de muitos outros e acreditamos que isso implica no desenvolvimento das práticas corporais , como no resultado final.

Entendemos que por isso a prática coreográfica de muitos ainda seja a de insistir na reprodução e não haja tanta dedicação ao processo criativo com a participação ativa dos alunos, recaindo sobre o ensino tradicional. Para assim poder exercer a função e estar preparado para as apresentações.

2-PRÁTICA DE CRIAÇÃO

Utilizamos do papel de professor de dança, na atuação como coreógrafo contratado pela SEDEC, a função de coreografar. Essa função vai muito além da de só elaborar coreografias e trabalhar a repetição, é um trabalho que envolve diversas questões, estamos alí dispostos a trazer o aluno para se descobrir através da dança,

além de que passamos por milhares de questões que rodeiam aquele meio, brigas, gravidez, drogas, estupro, mortes, fome.

É importante reconhecer o valor que a dança tem e o quanto esse projeto tem importância para a sociedade, uma vez em que beneficia e propõe ao participante dessas aulas, uma experiência com a arte, perceber esse corpo que dança e que fala a mesma língua, um corpo que não é dissociado ao que está em sala de aula, mais sim um corpo que reflete e reverbera os conteúdos vivenciados no seu dia-a-dia.

O trabalho da dança vai além do trabalho de raciocínio lógico abstrato, ele traz a junção desse pensamento lógico para o corpo, aquele que pratica as aulas tem um diferencial entre formas de se pensar e como unificar corpo e mente não dissociando e potencializando esse corpo mente praticante dessas aulas.

Saber lidar com a realidade dessas crianças, e ter essa abertura para ouvi-las, faz com que elas se aproximem das aulas, além de gerar uma confiança e segurança em nosso trabalho e assim ter êxito no processo de criação coreográfica.

Então, além de coreografar, existe esse papel de ensinar e auxiliar, entendendo como é que o nosso plano vai ser moldado de acordo com as alunas.

O que foi aprendido como baliza não foi suficiente para nos preparar para essa realidade, mas nos alertou sobre alguns pontos, como o do profissional e como ele pode influenciar e ser um agente transformado na vida do aluno.

Acreditamos que o curso de dança, proporcionou nessa profissional a abertura para momentos de descontração, jogos, aulas de estilos de dança com abordagens que não fossem só técnicas e repetitivas, mais sim para que houvesse momentos a mais onde o lugar de experimentar, de se expressar fosse dado para o aluno.

Então o processo de coreografia, ele vem sendo aplicado, desde o primeiro contato com os alunos, as aulas sempre são iniciadas com alongamentos, aquecimentos, jogos, livros, imagens, coisas que despertem a imaginação e interação das mesmas.

A prática como coreógrafa, ela primeiramente foi construída através das vivências no meio, uma das coisas que preservamos foi a de dar oportunidade a todas as alunas que gostariam de ser balizas, trouxemos isso como uma reflexão do que vivenciamos e como isso nós tornaria, a partir daí também colocamos a experiência da autora como ex-ginasta, bailarina e aluna do curso de dança,

pensando em como proporcionar um ensino que não partisse unicamente do um para o outro. Outras questões que são trabalhadas durante as aulas, são as de interação propondo sempre atividades, em grupos, duplas, para que elas venham a se conhecer, criar afinidade e estejam realmente em harmonia para que o trabalho seja desenvolvido e auxiliado por todas.

A forma como as pessoas ainda tem o pensamento sobre dança parece muito como quando a dança das bandas foi introduzida, na época em que a autora era aluna, e participou das aulas e o pensamento era de uma dança que era imposta e reproduzida repetidamente, sem um sentido ou um porque e aqueles que tinham habilidades naquela figura que compõem a linha de frente, se dividiam e se apresentavam, além de não ter uma prática de aquecimento, nem um cuidado sobre os corpos que participavam, mas sim o entendimento de que o grupo teria que estar pronto para a apresentação executando aquele passo e sempre com a questão da marcialidade imposta que é a marcha e o deslocamento.

O curso nos ajudou muito nas questões pedagógicas e reflexivas, de como ter um olhar e uma escuta sobre o que meu aluno quer, e como a partir dessas expressões no processo de criação propondo o conhecimento e as possibilidades de movimentação.

Dessa forma o processo passou a ser mais produtivo, e venho a somar na coreografia, já que o tempo de trabalho do coreógrafo se divide em pavilhão, mór, corpo coreográfico e baliza, além de receber as músicas em cima da hora e o tempo ser curto já que é uma demanda de eventos a ser realizados durante o ano.

Partindo desse ponto que passamos a utilizar de movimentos espontâneos chamado de improvisação. Que surgiam indiretamente nas aulas, mais que era bem vindo ao processo de criação, isso tornou o trabalho mais prazeroso, prático e eficaz, além de que as alunas passaram a se sentirem mais confiantes, por terem vez com o seu movimento e se sentirem mais confiantes o que de fato é muito importante para as apresentações.

3.1. Ensino de dança na Banda Israel Pereira Gomes

Pensamos como a prática como docente da autora é atravessada pelo lugar de ex-aluna.

Inicialmente, para a escolha dos estudantes da Banda Marcial da Escola Municipal Darcy Ribeiro, fazemos visitas nas salas convidando os alunos a participarem das aulas. Utilizando da introdução de alongamento e conhecimentos prévios sobre as movimentações do corpo, já preparando e observando a percepção motora que existe no aluno, para depois dividir os componentes do pavilhão, corpo coreográfico, mór e baliza, não utilizamos de formato de seleção mas sim, mostramos e comentamos sobre cada elemento e deixamos que aluno decida onde ele acha que será legal estar, claro que em cada elemento falamos sobre a forma das aulas, e a dedicação.

Procuramos captar e afirma que todos podem participar e aprender e que ao decorrer do ano tudo vai se desenvolvendo e tomando forma, claro que mantendo a regra da questão de limite de faltas para que as faltosas não atrapalhem no desenvolvimento do grupo e para que haja um compromisso.

Acreditamos que qualquer aluno que se disponibiliza a estar alí, ele já é apto para participar, aprender é uma questão de processo e treino.

O movimento de bandas, atualmente, dentro da escola atua como uma forma de resgate, o estudante entra na banda e passa a ter aquele grupo como uma segunda família, o convívio passa a ser diário, misturando turmas e idades, se descobrindo e juntos passando por experiências novas, os alunos sentem orgulho e felicidade em poder representa sua escola em eventos, campeonatos.

Assim ele passa a se sentir confiante, ajudando no seu desempenho emocional e pessoal, sua presença na corporação é fundamental cada um tem um papel e a sua presença é valiosa.

Os alunos que têm notas baixas e problemas familiares encontram um espaço de experimentação do movimento ou da musicalização, às vezes, mudam de pensamento sobre a vida muitas das escolas são próximas ou dentro de comunidades os alunos às vezes são filhos de pessoas que estão envolvidas com a criminalidade e muitas das vezes acreditam que isso será o futuro deles, com o projeto muito deles se encontram, e veem algo que eles podem fazer, se inspiram nos professores. Surge uma esperança o ensino da dança e da música era algo fora da realidade da vida de muitos, talvez nunca tivessem visto tido a oportunidade de ver alguém dançar pessoalmente, tocar, é agora isso está ali para eles, todos os dias da semana e de forma gratuita.

Em seguida, relatamos e refletimos sobre a metodologia de ensino nesse contexto, e a prática de criação da dança das nossas alunas balizas.

3.1.1. Metodologia de ensino

Desenvolvemos nossas aulas, primeiramente, de acordo com o calendário escolar. Na escola onde desempenhamos no contrato o papel de coreógrafa, a já mencionada Escola Municipal Darcy Ribeiro, o trabalho de dança se inicia no mês de fevereiro, assim que inicia o período letivo. Ocorre a apresentação e o convite para os alunos participarem das aulas durante a reunião dos pais e, posteriormente, nas salas de aula: a coreógrafa se apresenta e convida os alunos a participarem das atividades extracurriculares da escola.

Dentro da escola esse trabalho se divide em três grupos o primeiro grupo o do corpo coreográfico que inicialmente é abordado com a introdução sobre banda marcial, o que elas vão fazer, como vão participar e a prática desenvolvendo um trabalho de marcha, alinhamento, deslocamento e figuras.

O segundo grupo é o das balizas, onde se trabalha primeiramente com a questão dos movimentos que precisam ser executados, onde a professora conversa e depois começa a trazer esses movimentos, partindo primeiro de um trabalho de conscientização e cuidado com o corpo.

Esse grupo tem um trabalho mais intenso onde é desenvolvido dentro da escola e posteriormente no espaço de dança adágio onde a coreógrafa atua como professora.

Para maior desenvolvimento e trabalho do corpo das balizas, a coreógrafa convida e oferece às aulas de ballet e dança rítmica que são instruídas por ela nesse espaço.

A dança rítmica é uma modalidade criada pela mesma, onde ela mistura movimentos de estilos de dança e movimentos da ginástica rítmica, possibilitando um entendimento prévio desses movimentos e um trabalho de corpo sendo desenvolvido como resultado para preparação das balizas.

Fazemos essa ponte entre a escola e o espaço como forma de incentivo a dança, e como meio de contribuição para as alunas, como também como uma forma de conseguir da conta da demanda de serviços para serem executados, uma vez que o tempo para atender a demanda de eventos é muito curto, primeiro porque

temos que dar conta de todas as figuras que compõem a linha de frente como no capítulo 2 destacamos essas figuras, a linha de frente é composta pelo pavilhão, corpo coreográfico, mór, baliza e algumas escolas ainda tem a figura da baliza masculino. Dividindo o tempo para essas figuras, o tempo é muito curto, então amplio esse trabalho com as balizas no adágio.

Onde elas podem vivenciar o ensino de estilos de dança, além de que o trabalho na escola ele é desenvolvido em horário não muito confortável, onde acredito que prejudica a participação e a absorção dos conteúdos práticos, já que as alunas fazem às aulas antes do seu horário de estudo ou após terminar a aula.

Então, as meninas geralmente já estão cansadas, com fome e tudo isso interfere no processo de ensino, e procuro fazer de uma forma leve para que haja engajamento e participação, onde por mais que tenhamos lados negativos, possa sempre prevalecer os lados positivos.

Geralmente, utilizamos de dois dias para realizar um ensaio geral, onde recruta corpo coreográfico, baliza, mór e pavilhão e faço sempre inicialmente um trabalho de aquecimento e alongamento e ordem unida, buscando trazer essa importância e conscientização das mesmas, além de fortalecer um vínculo entre o grupo.

Quando aluna participante da banda não existia esse cuidado com o grupo. De um modo geral, os ensaios sempre tinham a mesma prática, seqüências e repetição dos movimentos. “Os regentes mais preocupados com os seus objetivos frente ao público e comissões julgadoras exigem que os alunos marchem durante horas se assim acharem necessário, em quadra descoberta.” (LIMA, 2007, p.100).

As balizas na maioria das vezes se alongavam sozinhas e também participavam dos ensaios de ordem unida, em outro momento elas ensaiavam nos corredores e no fim do ensaio com o corpo coreográfico mostravam ao coreógrafo como estavam suas habilidades, a atenção maior era voltada para o corpo coreográfico que já ia para o ensaio com sua bandeira e treinava as seqüências repetitivamente.

O Mór nem participava dos ensaios, mesmo tendo a necessidade da figura do mesmo à frente da banda para exercer os comandos, só era separado o aluno para exercer esse papel próximo ao dia que a apresentação necessidade do mesmo. Até hoje existe uma dificuldade para conseguir introduzir a figura do Mór na escola, pois

os alunos não têm essa vivência dentro das escolas e acabam excluindo a possibilidade de participar como esse elemento na banda.

Então entendeu-se que o processo de ensino dos coreógrafos partia de um ensino que não tinha metodologia, e sim a prática de passar seqüências e repetir até que o aluno reproduza em harmonia com o grupo e as balizas faziam os movimentos sem conhecimento técnico apenas executando e realizando em suas apresentações.

Quando como aluna acreditava que esta era a forma correta de se trabalhar como coreógrafo, após as experiências vivenciadas e a entrada na graduação passamos a entender a importância de mobilizar as alunas á primeiro antes de tudo, terem a consciência de que o alongamento, o aprendizado neural e todos os caminhos pedagógicos até atingir o resultado indo de modo progressivo são importantes. Pois mesmo o aluno mais flexível, precisa de força, dinâmica e consciência do movimento para que evitem lesões desde o início.

Além de que as balizas juntas do grupo fazem com que todos se sintam bem e entendam que o trabalho de corpo ele deve ser desenvolvido por todos e que não existe uma figura em si que seja mais especial que a outra mais que um quesito complementa o outro na avenida.

Trabalhamos também questões de valores, de se respeitar, respeitar o limite do outro, perceber que cada corpo tem um tempo próprio e juntos vamos se conhecendo, crescendo e torcendo uns pelos outros.

Outro ponto que aproveitamos nesse trabalho inicial é o da percepção observo à conscientização, a atenção, aqueles corpos que naturalmente já são flexíveis e alongados e como eu posso me aproveitar desses momentos positivamente para crescimento do grupo no geral enfatizando o cuidado e atenção com o corpo desde o momento do aquecimento até o fim da execução dos movimentos.

Além de deixarmos a vontade à participação e a escolha em qual elemento da linha de frente em que a aluna se identifica, e elas por si só, vão vendo onde tem mais afinidade e o que querem ser na banda.

Também abordamos sempre nas aulas a ordem unida para que todo grupo esteja consciente e saiba quando formos mais a frente se apresentar, como funciona a organização da banda em si, as seqüências são passadas em cima da marcha, como forma de ganhar tempo e ficar mais fácil para quando houver a junção com a música da banda, fique mais fácil de executar e realizar em harmonia.

Fazemos dinâmicas com bolas, imagens onde utilizamos do uso da criação, de entendimento de movimentos, com base no trabalho com ênfase na teoria de Laban (1940), busco fazer com que essas aulas tenham um sentido, que não sejam somente o da reprodução e repetição mais que haja um pensamento ligado a esse movimento, e que o grupo ou a baliza faça muito mais que apenas reproduzirem, mas sim um espaço onde eles se descubram, e possam se expressar.

O terceiro grupo é o grupo de dança da escola, onde as meninas que não querem desfilar na banda ou as que querem participar do grupo da banda e do grupo do ballet têm a oportunidade de fazer aulas dentro da escola gratuitamente.

Como notamos, o trabalho de coreografia é também como o de professor de dança que se aproxima mais do ensino não formal de dança, uma vez que essa prática do ensino não está prevista dentro do currículo normal da escola.

Isso pontua que os contratos que estão sendo feitos como coreógrafos exigem que tenham um contato de dança, ou uma formação de licenciada uma vez que os mesmos estão atuando na escola como professores de dança.

A graduação em dança ajudou muito nas questões de composições coreográficas, e a ter uma abertura maior para os processos, acredito que sem este contato, não se teria esse olhar voltado para o aluno e para o movimento, e isso vem contribuindo muito na prática da própria autora como baliza.

A seguir, veremos como esse processo de composição acontece e como buscamos auxiliar e criar coletivamente.

3.1.2. Composição coreográfica

Na dança, não se cabe mais apenas se apresentar um movimento e propor que este movimento seja repetido e reproduzido. Isso também se dá na dança das balizas: a aluna deve ter o seu espaço de conhecimento de possibilidades e variações de movimento, que o professor deve gerar durante suas aulas além de estar atento e disposto a se descobrir junto com o aluno.

A técnica ela existe e foi moldada e é conhecida de acordo com o tempo e o quanto ela vai sendo repassada de professor para aluno, mais a dança das bandas marciais ela tem algumas características que são repassadas podendo ser criada e

inovada de acordo com cada conhecimento e domínio que o coreógrafo tenha em seu corpo, a marcha o deslocamento e a partir daí criar, abordar questões e noções de como se apropriar disso e fazer dança.

Em desfiles, o deslocamento sempre é direto, o tempo sempre marcado na pulsação mais forte do bumbo, mais isso não quer dizer que o coreógrafo professor não pode ousar, não pode atribuir de conhecimentos em técnicas e não pode moldar essa forma de apresentação, já que ele pode usar de movimentos livres que estão próximos ao aluno para criar e juntos montarem. Isso vai sendo de fato o trabalho de coreografar, de colocar em prática, os seus gostos, sua forma de trabalho, o que o coreógrafo tem de mais próximo no seu conhecer corporal.

Como graduanda, passamos a entender muito mais sobre o meu corpo e como eu poderia através da minha prática como baliza passar esse pensamento e esse processo que foi sendo moldado e descoberto em minhas reflexões, então passei primeiramente a iniciar esse trabalho em minha escola com minhas balizas, buscando fazer com que elas se conscientizassem do seu corpo, do seu tempo, de se respeitarem, de entenderem a importância da construção dia após dia, onde um movimento é descoberto de cada vez no seu tempo e onde elas ficam abertas a experimentar e se mover.

Sempre que ensaio seqüências, buscamos trabalhar com o tempo, brincando com o deslocamento e as possibilidades, se colocando em cena, fazendo como um corpo que se move rapidamente e ao mesmo tempo para, um corpo que salta e desliza, passamos a refletir sobre as qualidades de movimento baseados na técnica de Laban (1940) pensar como cada uma pode se colocar naquela situação e se apropriar para se mover, fazendo com que o processo de experimentação fosse o momento de experimentar e se descobrir, já na prática comecei a explorar mais o mover, como que a energia o espaço influenciava nesse mover, depois de conhecer sobre Laban refletir e experimentar a cinesfera, a qualidade de movimento só fizeram acrescentar e beneficiar a prática da autora.

Ao mesmo tempo fez com pudéssemos compartilhar com balizas que pudessem ver esse mover e pensar em como mostrar que não só os movimentos acrobáticos e de flexibilidade, são os que compõem a baliza e que entendendo essa teoria fica mais fácil de transmitir e propor essas relações.

Além de que a dança da baliza primeiramente ela é uma dança, individual que vai precisar muito de processos para que a baliza se descubra e vai totalmente

contra a iniciação da introdução da dança das balizas que era repassada, como forma de reprodução e sistematização, e sim, é preciso haver a repetição pra se chegar a determinado movimento ou qualidade, mas a iniciação é o que você vai desenvolver com o seu aluno, no processo de aprendizagem, fazendo com que ele traga na sua dança o entendimento, o seu eu no seu mover.

Essa prática ela também foi desenvolvida em um projeto de estágio, onde desenvolvi aulas para as balizas, buscando passar a minha forma de trabalho reflexivo e processual baseado na teoria de Laban.

Esse processo se deu em dois estágios com a participação das mesmas alunas.

Figura 6 - Balizas participantes do projeto de estágio balizando



Projeto de Estágio "Balizando", Espaço Cultural, em 2018. Fonte: Acervo pessoal

Acreditamos que com o desempenho desses estágios e aos processos, o cuidado, o pensamento na dança, fez com que ao menos as meninas participantes do estágio, pudessem entender sobre esses processos e pudessem replicar isso em seus ambientes.

Como graduanda em dança, pensamos nesse lugar do fazer e compartilhar como primordial, já que esse conhecimento ele é tão raso e não tem onde a gente se basear o quanto de informação que puder se passar umas para as outras é primordial.

Sobre a importância do processo, o ensino da dança ele vem junto da técnica como fruto desses lugares mais vem ao mesmo tempo como mera repetição de

passos trazidos pelo professor e esse não é mais o papel que queremos como graduanda em dança, conseguir compreender e abordar questões pensantes na dança buscando partir do trabalho de corpo.

Corpos potentes é que possam ajudar a se conhecer e conhecer o seu mover. Muitos coreógrafos ainda desempenham o trabalho do fazer e se repetir, porque é mais fácil, chegar e ordenar e o aluno se virar pra aprender e reproduzir, e isso não é que seja bom ou ruim, é algo que em alguns momentos ele vai existir porque como vimos na figura do coreógrafo ele tem toda uma demanda para alcançar e os regulamentos como a coordenação exigem isso além do tempo que acaba se tornando curto.

Mas se puder desenvolver esse trabalho com valor aos processos, é um caminho positivo a se seguir, procurando utilizar de técnicas e metodologias como forma de auxílio em seu trabalho, buscando lidar com tempo, dinâmica e empenho.

Primeiro do coreógrafo a desempenhar todo seu planejamento e sua função com isso além de reger esse tempo para se conseguir executar o seu plano, mais será muito válido na vida do professor e do aluno.

Não culpamos esse processo que foi implantado inicialmente nas escolas, por acreditarmos que isso talvez também se dê pelo fato de muito dos coreógrafos não terem um curso de licenciatura. Também, o curso de dança ainda é muito novo na cidade, mas trago minha reflexão e posicionamento como forma de auxílio e motivação para essa tentativa de sair da zona de conforto e se descobrir utilizando desses processos. Notamos que o trabalho com a metodologia de ensino para dança envolve um conhecimento que não é apenas técnico mais também conhecimento pedagógico fruto da vivência como graduanda do curso de licenciatura em dança.

A própria função do coreógrafo já esta atrelada diretamente a função de professor uma vez que a função é diretamente lida com os alunos e esta dentro do ambiente escolar, inclusive é a parti de um projeto de dança e musica que se situa dentro das escolas públicas. Adiante vamos ver um pouco mais sobre as experiências como coreógrafa e professora de dança:

3.2.Experiência de ensino: Coreógrafa e professora de dança

Acreditamos que a experiência como coreógrafa, ela evoluiu em cada momento de estágio da vida da autora, onde ela transpôs a sua vivência, com a sua prática desempenhando o seu trabalho como forma de não cometer os mesmos erros que foram cometidos com a mesma.

E a apropriação das disciplinas no curso de dança como forma de auxílio dentro da realidade escolar, aproveitando e acreditando que os processos são importantes e a perceber que o resultado final, já não era o que mais se importava nesse lugar como licencianda em Dança.

Passamos a entender que a dança vai além de meras repetições e que o seu papel é de extrema importância. Segundo Pinheiro (2012, p.17), “numa interação que abre espaços para criar e recriar movimentos corporais, com criatividade e sensibilidade própria e, assim, refletir sobre valores, solidariedade, substituindo o individualismo e a disputa pela coletividade e cooperação”.

E daí moldamos esse pensamento e esse olhar na dança, onde entendemos que mais proveitoso e estimulador que o resultado final seria os processos, porque os processos são o que o aluno, vai aprender e o que ele vai levar pra vida, passando a dar mais abertura para o lado da criação, de se expressar e aproveitar as coisas que surgem no meio da aula, passando a ter mais cuidado com essas relações e vivenciando as experimentações dos alunos.

Quebrando-se o tabu de que “conversar não é dançar”, poderíamos introduzir em nossas salas de aula momentos de reflexão, pesquisa, comparação, desconstrução das danças que apreciamos (ou não) e, assim, poderemos agir crítica e corporalmente em função da compreensão, desconstrução e transformação de nossa sociedade. (MARQUES, 1997, p. 24).

Esse processo ajudou, no entendimento de corpo da própria autora, onde as questões internas e externas auxiliaram, em sua prática na dança e no seu mover. Entendemos que esses desafios e processos eles só foram capazes de ser vivenciados, por conta da experiência como licencianda em dança, e que essa vivência com o alunado fez com que tivéssemos mais aberturas em nossa prática e com isso, passássemos a ter um hábito de exercitar essa dança da baliza, que se apropria da situação, do estado de corpo, da cena e do seu mover.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde quando eu fui aluna da escola Darcy ribeiro e quis ser baliza, vivenciei esse não preparo do coreógrafo, quando eu tinha uns 8 anos de idade, nesta mesma escola onde hoje atuo como coreógrafa, eu vi a baliza Marilayne na qual me inspirei e tive como referência durante todos esses anos, posso descrever como se fosse hoje quando a vi dançar, estávamos tendo um evento na escola e a banda estava a tocar na rua em frente a escola e a mesma estava a frente dançando, me lembro do seu giro era rápido, com a cabeça bem marcada e um sorriso extraordinário, naquele dia eu entendi que queria ser baliza, corri para minha mãe para que ela me colocasse na banda.

Na época, as balizas faziam testes e esse teste não era um momento onde o profissional mostrava e ensinava como se fazia algumas das movimentações, mas simplesmente ele pedia para que se executasse, e eu não sabia, não tinha nem um entendimento, nem prática na área e não passei, poderia ter parado ali e me frustrado para o resto da vida, mas sempre fui muito insistente e desafiadora.

Passei a fazer aulas de alongamento sem noção nenhuma em casa chamava os meus vizinhos para me alongar, no ano seguinte fui novamente fazer o teste para entrar na banda, e mais uma vez fui reprovada, dali eu determinei que eu seria baliza e fui procurar profissionais com apoio da minha mãe, entrei na ginástica rítmica na vila olímpica e na escola tive o meu primeiro contato com a banda participando do corpo coreográfico, e aqui ressalto minha fala sobre entender que o processo é mais importante que o produto final.

O ensino da dança para as balizas da escola Darcy Ribeiro, foi introduzido e desenvolvido de uma forma desafiadora, primeiramente pela minha experiência e traumas na minha iniciação como baliza, e depois voltar a essa mesma escola onde um dia fui aluna e atualmente sou coreógrafa.

Fiz por onde as alunas, primeiramente tivessem uma abertura para comigo, para que elas entendessem que eu não estaria ali para que eu determinasse prazos e cobrasse coisas onde elas teriam que executar sem entender e nem saber por onde começar, mais que eu estaria ali para auxiliar e ajudar.

Então eu percebi que durante o processo de aprendizagem de alongamento e aulas de dança as meninas tinham um pensamento sobre a dança das balizas,

pensamento este que até hoje é vivenciado e visto dentro do meio das bandas marciais, de reprodução e movimentos de execução com um grau corporal de entendimento avançado e durante esse processo ele foi sendo moldado dentro da escola Darcy Ribeiro, partimos da compreensão da iniciação e processo para se chegar a determinados movimentos, eu acredito muito no sentido das coisas, e que a dança ela é sentir, que o meu mover ele não deve ser para agradar ou para executar o que o outro quer que eu faça mais sim o que eu quero para mim.

E por isso eu trabalhei com elas questões de autonomia, de se colocar em cena e de entender que para tudo á seu tempo e que somos corpos em constante modificação mais que cada um tem o seu limite e seu tempo próprio.

As alunas ficam abertas a criar, a pensar e construir a sua apresentação e juntas vamos nos descobrindo e evoluindo não por mim, pois o que faço é contribuir com minha experiência como baliza, professora de dança. Pois ao buscar a licenciatura entendi a necessidade e descobri a importancia de valorizar todo processo de ensino aprendizagem.

O processo de criação coreográfica deixo com elas, apenas auxilio tendo cuidado e observando a sua movimentação, propondo desafios nos seus deslocamentos, mudança no seu tempo de movimento, propondo que elas se desafiem e se coloquem verdadeiramente em cena, vejo que dessa forma eu consigo fazer com que elas entendam os processos e sintam um incentivo na sua prática.

Sobre a dança das balizas é notório que a muito a se fazer, mais acreditamos que com nossa experiência e reflexão podemos incentivar outras pessoas a pesquisarem e contribuírem com esse meio específico onde a dança acontece, além de trazer para a academia um olhar e reflexão sobre o meio marcial. Este projeto tem relevância social e ele merece apoio. Projetos como esse incentivam o trabalho de dança, para que seja algo além de só ter uma contribuição pontual na escola, mas que possa ser algo em que o aluno pense, até em se profissionalizar.

Achamos importante pontuarmos que toda essa reflexão tem a ver com o processo pedagógico do qual nós não acreditamos atualmente. Quando escolhemos nossas alunas, temos outra forma de me relacionar e, dividindo grupos, pensando e agindo como uma coreógrafa docente, tenho a consciência de que não escolho as alunas: elas também me escolhem quando dou para elas a chance de serem elas mesmas. Isso se deve a minha experiência pessoal e como licencianda em Dança.

Sobre essa questão, de como ser reprovado pode reverberar na vida do alunado e como esse processo influenciou na nossa vida, na minha prática como professora, ao escrever essa reflexão como TCC, olhando para trás, vejo que naquele processo aprendemos, primeiramente, como ser uma profissional que dá oportunidade aos alunos, e que, talvez ser baliza não fosse uma experiência que fizesse sentido algum - mas, naquele momento, essa reprovação nos gerou inquietações e nos deram forças para não desistirmos do que sempre quisemos e acreditamos até hoje.

Acreditamos que não só a dança das balizas da Escola Darcy Ribeiro, mas sim de todas as bandas marciais, foi modificada pela forma de aceitar e não excluir os alunos. Este já é um grande passo. Porém, existe essa cobrança e esse raso entendimento sobre a dança das balizas dentro das escolas.

Decidimos refletir sobre isso, sobre nossa realidade, para que outras meninas possam ter a oportunidade de aprender e realizar seus sonhos, mas também para que o professor saia da sua zona de conforto e busque entender que conhecimento é vida - e que o aluno merece ter o melhor do professor.

O que se deve preservar são os processos e o entendimento de que cada corpo tem o seu tempo, e que o tempo não é nosso inimigo mais sim nosso aliado, é preciso respeitar e conscientizar os alunos desse processo.

Que o profissional que trabalhar com essa figura, além de ter um longo trabalho, deve no mínimo estudar sobre a área, pois trabalhar com o corpo do outro é algo muito arriscado e desafiador, a dança das balizas por si só ao longo dos anos foi criando uma identidade de movimentos acrobáticos, com apresentações em locais não apropriados, e com muitas balizas fazendo movimentações incorretas, talvez por não terem alguém para a auxiliar ou por falta de conhecimento e preparo desse professor, mas também pela demanda que é cobrada dos campeonatos onde as balizas participam, onde eu mesma, por diversas vezes já participei e perdi pontos pelo fato de não executar uma reversão, onde já dancei em lugares inapropriados, colocando meu corpo em risco, podendo me lesionar.

Entender primeiramente acima de tudo que o corpo do aluno deve ser respeitado é preciso cuidar, zelar e preparar para que o mesmo esteja pronto e quem muita das vezes, é preciso ter cautela, entender que a baliza ela é uma artista que está em cena. E um dos seus papéis é o de conectar a platéia com a sua apresentação, e que nessa apresentação ela pode explorar tantos outros movimentos do seu corpo

que talvez nem seja e nem caiba dependendo da história da música que a banda executar alguns tipos de movimentações, e que realmente é preciso refletir sobre colocar acrobacias ou fazer um movimento de flexibilidade onde ela possa se machucar, colocando em risco o corpo do aluno.

Tem várias questões que ressaltam essa preocupação, porque antes dos desfiles não tenha um tempo apropriado de alongamento, além de os desfiles serem sempre nas ruas com um piso de asfalto que dificulta a execução de alguns movimentos, e para isso é preciso trabalhar as questões dos sentidos, da autonomia, da percepção, perceber que na dança não cabe mais esse lugar de querer comandar, de dizer que é pra ser feito assim e que essa é a forma de ser executado pela baliza.

E que a baliza ela não é um robô, e que ela pode ser uma baliza sem saber um rolamento e um salto, e que é muito mais importante que ela tenha um entendimento do seu corpo e do seu tempo de aprendizagem, do que seguir padrões e exercer movimentações incorretas podendo lhe causar graves questões corporais no futuro e impedindo que a mesma continue a dançar.

Deixo aqui minhas considerações como forma de contribuição para o meio marcial, propondo que outros alunos e professores possam olhar com mais cuidado para essa baliza que encanta e merece um cuidado especial. Além de promover um alerta e cuidado com esse corpo, para que mais jovens sintam a vontade e o prazer de dançar por amar e se sentirem aceitas com suas limitações, com seus corpos, sabendo que serão respeitadas e aplaudidas com a sua forma única e especial de dançar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAZIL, F.; MARQUES, I. **Arte em questões**. 2ed. São Paulo: Cortez, 2014.

CABRAL, Lara Cristina. Linha de Frente das Bandas Marciais em Goiânia - Corpo Coreográfico - como surgiu e onde estamos? **7a. Mostra de Produção Científica da Pós-Graduação Lato Sensu da PUC-Goiás**. Pós-graduação Lato Sensu em Pedagogias da Dança II. Centro de Estudos Avançados e Formação Integrada - CEAFI/ PUC-GO. 2012. Goiânia, 19 de outubro de 2012. Disponível em: Acesso em 20 de outubro de 2019.

NÓBREGA, Matheus. **A Cidade das Bandas: O projeto de bandas marciais da rede municipal de ensino de João Pessoa**. 2018

CNBF. **REGULAMENTO DO CAMPEONATO NACIONAL. P.13,14**. Disponível em: <https://www.cnbf.org.br/portal/downloads/Regulamento%20CAMPEONATO%20NACIONAL%202018.pdf>. Acesso em: 16 de Abril de 2019

CORREA, Elizeu. **Linhas de Frente das Bandas Marciais de São Paulo: Memórias, tensões e negociações (1957-2000)** 2016

DAYRELL, Juarez. **O rap e o funk na socialização da juventude**. Educação e Pesquisa, Jun. 2002, vol.28, no. 1, p.117-136.

DEUS, Roberta, **Artigo sobre baliza**. Disponível em: <https://banmets-bandamarcial-salto.blogspot.com.br/p/professor-eduardo-freire-waldemarin.html> Acesso em: 09 de Abril de 2019.

LIMA, Marcos Aurélio. **A banda estudantil em um toque além da música**. 1a.ed. São Paulo: FAPESP, 2007.

MARQUES, I. **Dançando na Escola**. Motriz, v. 3, n. 1, jun. 1997.

PINHEIRO, Vera. **Refletindo a prática da dança no contexto da educação física no 7º ano da escola estadual reisalina ferreira tomaz**. 2012

SANTOS, Thaynã. **Balizas e Balizadores: Implicações acerca do processo de preparação corporal no estado de Pernambuco**. 2018

SILVA, Tallyana Barbosa. **Banda Marcial Augusto dos Anjos: Processo de ensino aprendizagem musical**. Dissertação. Programa de Pós-graduação em Música - UFPB.

João Pessoa, 2012. 152 f. Disponível em: http://tede.biblioteca.ufpb.br/handle/tede/6595?locale=pt_BR. Acesso em 05 de novembro de 2019

TEIXEIRA , Welligton. **Da Baliza ao Balizador : As transformações do copo artístico de Bandas e Fanfarras** . 2017

TORRES, Dayse. **Coreógrafos de Bandas Marciais Estudantis:Artistas ou Professores**. 2018

Websites

BASSO,Murilo. A Importância dos desfiles de 7 de setembro e do ensino cívico para a educação. **Portal Gazeta do povo**. Postado em 06 de setembro de 2017. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/a-importancia-dos-desfiles-de-7-de-setembro-e-do-ensino-civico-para-a-educacao-97g7hkwiczxycwjm2j383sz2/>>. Acesso em 05 de Novembro de 2019.